

**MUSEU DA VIDA/ CASA DE OSWALDO CRUZ/ FIOCRUZ
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DIVULGAÇÃO DA CIÊNCIA, DA
TECNOLOGIA E DA SAÚDE**

BEATRIZ COELHO SILVA

**GUIA DE VISITAÇÃO ESCOLAR AO MUSEU NACIONAL/UFRJ.
INICIAÇÃO À CIÊNCIA EM 60 MINUTOS
MODUS OPERANDI**

Rio de Janeiro, janeiro de 2011

BEATRIZ COELHO SILVA

**GUIA DE VISITAÇÃO ESCOLAR AO MUSEU NACIONAL/UFRJ.
INICIAÇÃO À CIÊNCIA EM 60 MINUTOS
MODUS OPERANDI**

Monografia apresentada ao Museu da Vida – Casa de Oswaldo Cruz - Fundação Oswaldo Cruz, para obtenção do título de Especialista em Divulgação da Ciência da Tecnologia e da Saúde.

Orientadora: Prof. Dra. Sibeles Cazelli

Rio de Janeiro, janeiro de 2011

RESUMO

Este trabalho relata o que é, como foi feito, para quem e por que foi feito o *Guia de Visitação Escolar ao Museu Nacional/UFRJ. Iniciação à ciência em 60 minutos*, que ficará abrigado no sítio da instituição. O *Guia* pretende ser uma ferramenta complementar às visitas didáticas e este texto descreve os passos de sua criação, desde a fase exploratória até sua avaliação por quem vai usá-lo, passando pelo embasamento teórico, pelo trabalho de campo, pela produção e avaliação. Sua origem é a premissa de que, embora seja uma das instituições científicas mais antigas e mais conhecidas do País, com objetivos educacionais praticamente desde sua fundação, há um hiato entre o que é oferecido aos professores que levam seus alunos lá, para atividades extra classe, e o que estes mesmos professores buscam. Para realizá-lo, busquei estar de acordo com as atuais premissas da educação em museus e conhecer a história da instituição e de seu acervo. Parti, em seguida, para sondar professoras que pretendiam levar alunos a visitas pedagógicas e que, para isso, haviam feito o *Curso de Treinamento* do Museu. Elas responderam a um questionário fechado de 22 questões e a uma entrevista semi-estruturada cujo roteiro propunha sete temas a serem conversados. Foram nove questionários e seis entrevistas. Sondei também profissionais da Seção de Assistência ao Ensino (SAE) do Museu Nacional/UFRJ, que organiza a visita – entre outras atividades educativas – para saber que expectativas norteiam sua atuação. Foram ouvidos a coordenadora da seção e dois funcionários indicados por ela. Eles também responderam a uma entrevista semi-estruturada com seis temas propostos. Por fim, observei visitas durante uma semana, sem interferir na atividade. Só então passei à produção do Guia (redação, fotografia e edição dos conteúdos) que depois foi avaliado pelas seis professoras entrevistadas e por cinco funcionários do SAE, os que haviam sido entrevistados anteriormente e mais duas. Todos responderam, por escrito, a um questionário semi-aberto e suas sugestões levaram a mudanças na primeira versão do Guia. Esta segunda versão, aprovada pelo SAE, é a definitiva, em *power point 2003*, e está em um CD que acompanha este trabalho. Os resultados apurados nesta pesquisa indicam que professores consideram a visita a museus uma atividade extra classe importante, mas difícil de ser programada e que há carência de informações sobre o Museu Nacional, em particular, e os museus cariocas, em geral, especialmente no que diz respeito a sua utilização como ferramenta de educação não formal.

Palavras chaves:

Museu Nacional; educação; visita escolar.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Planta baixa da exposição permanente do Museu Nacional	Página 19
Figura 2: Saguão de entrada com o meteorito Bendegó	Página 20
Figura 3: Escada de acesso à exposição permanente	Página 20
Figura 4: Tabela do Tempo Geológico no saguão superior	Página 21
Figura 5: Saguão de entrada da exposição permanente	Página 21
Figura 6: Acesso à seção Nos Passos da Humanidade	Página 22
Figura 7: Vitrines da seção Nos Passos da Humanidade	Página 22
Figura 8: Entrada da seção Cultura Mediterrânea	Página 23
Figura 9: Seção Egito, com as múmias da coleção	Página 23
Figura 10: Peças da coleção greco-romana	Página 23
Figura 11: Afrescos de Pompéia da coleção greco-romana	Página 23
Figura 12: Entrada da Seção Arqueologia Pré-Colombiana	Página 24
Figura 13: Sala da Seção Arqueologia Pré-Colombiana	Página 24
Figura 14: Entrada da Seção Arqueologia Brasileira	Página 25
Figura 15: Arqueologia Brasileira: esqueleto de Luzia, ao fundo	Página 25
Figura 16: Reconstituição do rosto de Luzia	Página 25
Figura 17: Arqueologia brasileira: sambaquis	Página 26
Figura 18: Salão Arqueologia Brasileira	Página 26
Figura 19: Sala do Trono	Página 27
Figura 20: Afrescos da Sala do Trono	Página 27
Figura 21: Seção Etnologia Indígena – Brasil	Página 28
Figura 22: Instrumentos musicais indígenas	Página 28
Figura 23: Saída da Etnologia Indígena. Fim da exposição permanente	Página 28
Figura 24: De volta à escada para sair da exposição permanente	Página 29
Figura 25: Alunos no saguão do museu	Página 45
Figura 26: Predominam estudantes da rede pública municipal	Página 45
Figura 27: Legenda da Múmia Aymara, Arqueologia Pré-Colombiana	Página 50
Figura 28: Legenda da Ave do Terror, Evolução da Vida	Página 50
Figura 29: Mapa da América Latina com os grupos indígenas	Página 51
Figura 30: Legenda do mapa da América Latina com os grupos indígenas	Página 51

LISTA DE TABELAS

Tabela de visitação do Museu Nacional/UFRJ.....	Página 45
---	-----------

LISTA DE ABREVIATURAS

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

SAE – Seção de Assistência ao Ensino

MAST – Museu de Astronomia e Ciências Afins

SUMÁRIO

RESUMO

LISTA DE FIGURAS

LISTA DE TABELAS

LISTA DE ABREVIATURAS

1. INTRODUÇÃO	7
2. PROBLEMA	10
3. PRESSUPOSTOS OU HIPÓTESES	10
4. OBJETIVO GERAL	11
4.1. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	11
5. JUSTIFICATIVA	12
6. LIMITAÇÃO DO ESTUDO	13
7. METODOLOGIA	14
8. ANTES DA PRÁTICA, A TEORIA	15
9. A HISTÓRIA, O ACERVO E O SAE DO MUSEU NACIONAL/UFRJ	19
10. O TRABALHO DE CAMPO: A PRÁTICA APÓS A TEORIA	35
10.1. AS PROFESSORAS: PERFIL E ENTREVISTAS	36
10.2. COM A PALAVRA, O SAE	42
10.3. OBSERVAÇÃO DAS VISITAS ESCOLARES	45
10.4. A PRODUÇÃO DO <i>GUIA</i>	49
10.5. A AVALIAÇÃO	53
11. CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
12. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	58
13. ANEXOS	
ANEXO 1: QUESTIONÁRIO DO PROFESSOR	59
ANEXO 2: ESTATÍSTICA DESCRITIVA	63
ANEXO 3: ROTEIRO DE ENTREVISTAS PARA PROFESSORES	69
ANEXO 4: ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA O SAE	69
ANEXO 5: ROTEIRO DE AVALIAÇÃO	70

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho visa a relatar o que é, como foi feito, para quem e por que foi feito o *Guia de Visitação Escolar ao Museu Nacional/UFRJ. Iniciação à ciência em 60 minutos*¹, que ficará abrigado em seu site. Sua origem é a premissa de que, embora seja uma das instituições científicas mais antigas e mais conhecidas do País, com objetivos educacionais praticamente desde sua fundação, havia um hiato entre o que era oferecido aos professores que levavam seus alunos lá, para atividades extra classe, e o que estes mesmos professores buscavam. Ou seja, em quase 200 anos de existência, o Museu Nacional é o local por excelência onde muitos brasileiros têm seu primeiro contato concreto com ciência e história (do Brasil, Natural e Geral), mas nem sempre era possível aos estudantes ou público em geral, aproveitar toda a gama de informações que aquela coleção pode oferecer. Aí incluo também o palácio, um prédio histórico.

É quase consenso entre os especialistas que a Divulgação Científica não é mera comunicação de curiosidades (embora isso também ocorra). Torna-se, cada vez mais, instrumento de inclusão social e cidadania. Assim explicitam Cazelli, Coimbra e Falcão (2010, p. 89): “o empoderamento se dá pela associação entre as percepções e os ganhos cognitivos e da aplicabilidade destes ao mundo social dos visitantes no nível de suas relações pessoais e em esferas sociais mais externas”. Os três autores, diretores do Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST) do Rio de Janeiro, referem-se a museus e centros de ciências em geral, mas com eles concorda Navas, (**ver referência, p. 21**) ao estender a tarefa para outros o meios e instrumentos. Segundo ela, “a divulgação científica e os processos de comunicação pública da ciência assumem hoje papel relevante no estímulo à participação cidadã e no resgate de vozes e percepções do público sobre temas de ciência e tecnologia”. Indo mais adiante, Martinez, citado por Navas, afirma que esta popularização da Ciência e da Tecnologia deve contribuir para que “o conhecimento científico e tecnológico constitua um componente central da cultura, da consciência social e da inteligência coletiva.” Ou seja, os temas da Ciência e da Tecnologia precisam se tornar assunto corriqueiro para o público em geral.

¹ Sessenta minutos, ou uma hora, é o tempo de duração de uma visita escolar recomendado pelo Serviço de Assistência ao Ensino (SAE) do Museu Nacional/UFRJ, embora não seja uma exigência. Normalmente, como veremos adiante, as visitas duram em torno disso, às vezes um pouco mais, quase nunca ultrapassando uma hora e meia.

Se já sabemos por que fazer divulgação científica, é interessante esclarecer que caminhos levaram à escolha do Museu Nacional/UFRJ. Voltamos a Martinez, citado por Navas (**ver referência**). Para ele,

“a noção de popularização estaria próxima da noção de educação ao longo da vida, que envolveria educação formal e não formal e na qual diferentes espaços e mídias poderiam propiciar a comunicação da informação, a construção coletiva do conhecimento científico, a promoção da cultura e a inclusão de grupos pouco favorecidos.”

No nosso entender, o Museu Nacional/UFRJ preenche todos estes requisitos mesmo tendo uma exposição permanente à antiga: é contemplativa, sem qualquer item interativo, e estabelece uma distância entre a informação e a pessoa a ser informada, ou seja, o público de qualquer idade ou nível social e/ou econômico. É nesse sentido que sua exposição contempla os requisitos proposto por Martinez. Seus itens despertam o interesse de todas as faixas etárias (“ao longo da vida”), traz informações que não terão uso nas salas de aula (“educação não formal”) e outras que fazem parte dos currículos de todas as escolas brasileiras (“educação formal”). Como veremos adiante, as visitas lá quase sempre se dão em grupo (“construção coletiva do conhecimento”) e são feitas por pessoas vindas de áreas com poucos equipamentos culturais ou de escolas públicas (“promoção da cultura e a inclusão de grupos pouco favorecidos”).

A par disso, voltamos a Cazelli, Coimbra e Silva (2010), para quem

“...o caráter qualitativo da comunicação da ciência nos espaços não formais de educação tem o potencial, mediante estratégias apropriadas, de promover a motivação para um futuro aprofundamento ou, em outros casos, a mudança de atitude para com o aprendizado formal dessa disciplina. Para tal, o desafio está em conseguir explorar os temas de forma que esse público os transponha para sua vida entre seus familiares, amigos e nas esferas mais externas, como na escola e no ambiente de trabalho.”

Já na fase exploratória deste trabalho, pressenti (e mais tarde tive oportunidade de averiguar) que tanto a direção do Museu Nacional/UFRJ quanto os professores que programam vistas com seus alunos agem em consonância com os autores acima citados, mesmo que não os conheçam (fato que não achei necessário verificar). Portanto, não bastava visitar a exposição permanente para criar um *Guia* que atendesse às expectativas de seus visitantes, dos professores que usam a visita como recurso pedagógico (ainda que não formal) e a própria direção do museu. Era preciso ouvir e observar os vários atores envolvidos nessa atividade, buscar um embasamento teórico para estar de acordo com as diretrizes atuais da educação em museus, conhecer a história da instituição e seu acervo para só então partir para a produção redação e edição

do *Guia*. Após isso, foi necessário avaliá-lo para ter, se não certeza, indício de que o trabalho cumpriu seu objetivo.

Este trabalho foi realizado em três etapas. Entre maio e junho de 2010, busquei embasamento teórico na literatura a respeito da instituição e do uso de museus em geral como ferramenta de educação, enquanto levantava dados numéricos sobre a visitação escolar, sobre o acervo e, principalmente, mantinha contato com o Serviço de Assistência ao Ensino (SAE) do Museu Nacional/UFRJ, um dos mais antigos do País, criado em 1927, embora essa atividade fosse praticada na instituição desde o século XIX. Numa segunda etapa, em outubro e novembro de 2010, fiz o trabalho de campo, ouvindo professores que pretendiam levar seus alunos a visitas didáticas, funcionários do SAE para conhecer melhor como se estrutura e o que se pretende com esta atividade e acompanhei turmas de estudantes durante uma semana, para observar in loco como se realizavam de fato as propostas dos dois lados, professores e SAE.

A terceira etapa, em novembro e dezembro de 2010, consistiu na produção, edição e avaliação do *Guia*, por quem o fruirá, os professores e os funcionários do SAE. Para isso, foi necessário visitar diariamente a exposição permanente, tomar intimidade com as peças e as informações que as contextualizavam e buscar a melhor forma de trazê-las para um documento a ser usado sem interferência de quem a produziu (a autora) ou de quem a oferece ao público (o museu). Ainda nessa terceira etapa, o Guia foi avaliado por professores e funcionários do SAE, que sugeriram correções (poucas de conteúdo e algumas de estrutura do trabalho), geralmente aceitas.

No decorrer do trabalho, contei com o incentivo e o rigor da orientadora Sibele Cazelli, a quem agradeço aqui, dos funcionários do SAE, em particular, e do Museu Nacional/UFRJ, em geral. O *Guia* está pronto e caberá ao público julgá-lo, mesmo depois de aprovado como trabalho final deste curso. Já este outro documento que ofereço agora, pretende ser um mapa de como foi realizado e com que propósito, para que, espero, outras pessoas possam repetir a experiência em tantas instituições museais, de ciência ou não, à disposição do público.

PROBLEMA

Que informações o professor deve receber do Museu antes da visita escolar para aumentar a eficiência e a eficácia dessa atividade?

3. PRESSUPOSTOS OU HIPÓTESES

- 1) Uma hora de visitação é insuficiente para os alunos conhecerem toda a exposição permanente;
- 2) Um *Guia de Visitação Escolar*, com informações sobre a exposição permanente, o acervo e a história do Museu Nacional, torna a visita escolar mais proveitosa dentro do tempo previsto (uma hora).

4. OBJETIVO GERAL

Especificar as informações que os professores buscam para otimizar a visitação escolar, com vista a elaborar um *Guia de Visitação*.

4.1. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- ✓ Descrever o perfil do professor que planeja levar alunos em visita ao Museu Nacional;
- ✓ Enumerar as áreas de conhecimento abrangidas pelo acervo do museu que lhes interessam;
- ✓ Apontar os motivos que os levam a programar a visita;
- ✓ Selecionar as informações que eles querem e/ou precisam para organizar a visita;
- ✓ Descrever o formato de guia que atende melhor às necessidades/expectativas dos professores;
- ✓ Descrever a estrutura do Serviço de Atendimento ao Ensino (SAE): número de funcionários, seu vínculo com a instituição e sua formação, inclusive os monitores;
- ✓ Descrever como ocorrem as visitas, do agendamento ao relacionamento posterior entre escola e instituição;
- ✓ Apontar as seções da exposição permanente, consideradas fundamentais pelo SAE para a visita escolar;
- ✓ Selecionar as informações sobre o acervo e a história do Museu Nacional que interessam ao SAE divulgar;
- ✓ Apontar que seções da exposição permanente atendem às disciplinas que os professores visitantes lecionam;
- ✓ Definir que informações, além do acervo, da história e da exposição permanente devem constar do guia (orientações sobre antes, durante e depois da visitação).

5. JUSTIFICATIVA

O Museu Nacional é a instituição científica mais antiga do Brasil e uma das mais visitadas. Tem 192 anos de fundação (em 6 de junho de 1818, por dom João VI) e 118 de funcionamento nas mesmas instalações. Com sua coleção calculada entre 12 milhões e 20 milhões de peças², possui também um dos maiores acervos da América Latina, especialmente nas áreas de paleontologia, arqueologia, zoologia e botânica. Esse acervo encanta os mais de 300 mil visitantes que recebe por ano. Desde sua fundação, é também um centro de pesquisa.

Dessa forma, o Museu é, ao mesmo tempo, uma instituição de produção de conhecimento e um centro da memória nacional, seja dos fatos históricos dos quais foi palco (lá moraram os imperadores brasileiros e lá se reuniu a primeira Assembléia Constituinte do País, em 1891, por exemplo), seja da história da ciência brasileira e mesmo internacional, já que pesquisadores estrangeiros têm o Museu como referência desde o século XIX. Ao mesmo tempo, suas exposições permanentes são o primeiro contato que muitos estudantes cariocas e de outras cidades têm com a ciência (que se faz hoje e com sua história), com a memória nacional e com o passado remoto, pré-histórico do Brasil e do continente americano.

A visitação escolar é um item importante na organização do Museu e possibilita a abordagem de várias disciplinas, dada à diversidade das exposições permanentes. No entanto, o professor que deseja levar seus alunos ao Museu não dispõe de informações prévias sobre esse acervo, sobre a história da instituição ou sobre as pesquisas ali desenvolvidas que lhe permitam preparar a atividade extra-sala a fim de otimizá-la. Por isso, será de grande utilidade a criação de um *Guia de Visitação Escolar*. Para tal é necessário cotejar as expectativas e motivações dos professores com o acervo e as atividades que o Museu lhes oferece. Só ouvindo os dois lados interessados na questão foi possível criar um produto para preencher essa lacuna apontada por ambos, os professores e a Seção de Atendimento Escolar (SAE) do Museu Nacional/UFRJ.

² Em entrevista ao *jornal O Estado de S.Paulo*, em 7 de abril de 2003, o diretor Sérgio Alex Azevedo fala em 20 milhões de peças. Já na *Revista Museu*, o vice-diretor Ruy José Válka Alves escreveu que a coleção tem 12 milhões de peças.

6. LIMITAÇÃO DO ESTUDO

A presente pesquisa ouviu nove professoras que fizeram o *Curso de Treinamento* do Museu Nacional/UFRJ, uma porcentagem ínfima do universo que leva seus alunos a visitar a instituição, como atividade pedagógica extra sala. No entanto, como se verá adiante, esta pequena amostra foi bem variada e procurei detalhar ao máximo as expectativas do público alvo e aproximá-las das propostas do SAE.

7. METODOLOGIA

Inicialmente, foi realizado um trabalho exploratório, com conversas informais com os profissionais do SAE e levantamento dos dados de visitação escolar ao longo de cinco anos (de 2006 a 2010). Devido à impossibilidade de sondar um grande número de professoras durante a visitação, optei pela pesquisa qualitativa. Um questionário de 22 questões foi aplicado às nove professoras que fizeram o *Curso de Treinamento* em outubro de 2010, e seis responderam a uma entrevista semi-estruturada com sete propostas de temas, sobre seu pensamento a respeito da questão museu/educação e sobre o uso de uma ferramenta extra para organizar estas atividades.

Ouvi também três funcionários do SAE, em entrevistas semi-estruturadas, com seis propostas de tema, e passei uma semana observando a visitação escolar, sem me manifestar. Ao fim desta semana, comecei a redigir e editar o *Guia*, usando como informações de base as legendas da exposição permanente do Museu Nacional/UFRJ. Esta decisão teve um motivo prático e outro teórico. Não haveria tempo hábil para estudar todo o acervo que, ademais, já havia sido explicado em textos escritos pelos especialistas da instituição.

Após a redação do *Guia*, passei à avaliação que consistiu em mostrá-lo às seis professoras entrevistadas e aos funcionários do SAE. Deixei-os livres para manipular o trabalho e responder oito questões semi-abertas, com espaço de cinco linhas para cada resposta e espaço adicional para comentários que não haviam sido levantados por mim. Nesta avaliação foram sugeridas pequenas correções de conteúdo (prontamente atendidas) e uma mudança na estrutura, que foi declinada por não atender aos objetivos do trabalho, como explicarei adiante. Feitas as modificações, o *Guia* foi novamente submetido à apreciação dos profissionais do SAE. Com sua aprovação integral, considerei o trabalho realizado.

8. ANTES DA PRÁTICA, A TEORIA

Ao iniciar a produção do Guia de Visitação Escolar ao Museu Nacional/UFRJ, percebi que não bastava visitar a exposição permanente para criar uma ferramenta que atendesse às expectativas de seus visitantes, dos professores que usam a visita como recurso pedagógico (ainda que não formal) e a própria direção do museu. Era preciso ouvir e observar os vários atores envolvidos nessa atividade, buscar um embasamento teórico, conhecer a história da instituição e seu acervo para só então partir para a produção, redação e edição do *Guia*.

Para isso, precisava saber o que motiva esses profissionais e como atender sua expectativa. Como diz Köptcke (2003, p. 125) “apenas dar informações aos professores não basta, é preciso dialogar com eles” e a melhor forma de fazê-lo foi sondar um grupo específico, observá-lo em atividade, tomar conhecimento da literatura disponível sobre a relação museu/escola e estudar os documentos sobre os assuntos disponíveis no Museu Nacional.

Em vista disso, a opção foi por uma abordagem qualitativa. A partir do estudo aprofundado de um grupo de professores, obtive mais detalhes da questão que queria investigar. Obtive também retorno quanto ao conteúdo e forma do *Guia* criado. Sendo um grupo restrito, caracterizou-se um estudo de caso e, como ensinam Lüdke e André (1986, p. 17), “pode ser similar a outros, mas é ao mesmo tempo distinto, pois tem um interesse próprio”. Ainda no âmbito da abordagem qualitativa, outros autores, como Alves-Mazzoti e Gewandsznajder (1998, p. 203), dizem que as pesquisas com esta abordagem propõem preencher lacunas do conhecimento que “geralmente se referem à compreensão dos processos que ocorrem dentro de uma dada instituição, grupo ou comunidade”.

Busquei também informações disponíveis no Museu e em outras investigações que abordam o tema da prática de visita escolar a museus, como a tese de doutorado, *Ciência, Cultura, Museus, Jovens e Escolas: quais as relações?* (CAZELLI, 2005) e a dissertação de mestrado, *Educação em Museu. O público de hoje no museu de ontem* (VALENTE, 1995).

Em Valente (1995, p. 2), encontrei uma conceituação de museu mais ampla e clara que a do Icom³. Para ela museu é

³ Sigla em inglês para Conselho Internacional de Museus. A definição é a seguinte: “Museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberta ao público e que faz

“(...) local de preservação do patrimônio cultural é constituído, entre outros elementos, de um acervo de bens materiais e naturais, bidimensionais e tridimensionais que funcionam como suporte de informação e de interpretação”.

“(...) O objeto, ao entrar no museu, perde seu valor de uso e passa a ter valor documental, como elemento de uma cultura, testemunho de uma época e de um espaço. O museu, ao trabalhar esse objeto /documento, por meio de exposições e de outras atividades, procura fazer a relação entre o saber adquirido, a partir dos conhecimentos, e a vulgarização do conhecimento junto ao público”.

“(...) A comunicação museu se estabelece fundamentalmente pela exposição (...) ação central de difusão dos museus, pois oferece ao visitante não só a oportunidade de ver, mas de pensar, descobrir, explorar, desejar e investigar”.

No entanto, a autora reconhece que há uma dificuldade em se estabelecer a comunicação entre o acervo exposto no museu e o público que o visita, devido “à falta de conhecimento, da parte da instituição, sobre aqueles que a procuram” (VALENTE, p. 5), embora reconheça que o objetivo de educar sempre esteve presente nos museus brasileiros, citando como exemplo o Nacional/UFRJ e o Goeldi, em Belém do Pará. Mas Valente adverte que a educação em museu tem suas especificidades:

“O museu tem como pressuposto não pertencer ao domínio da educação escolar; situa-se no âmbito da educação extra-escolar, ou seja, no âmbito das práticas educacionais que se promovem fora do sistema formal de ensino e não são processadas de forma regular, seriada e sistemática. (...) Ficam assim os museus reduzidos a ilustrar o que é desenvolvido na escola” (VALENTE, p. 6).

A última frase deixa explícito que o museu fica aquém de suas possibilidades como ferramenta pedagógica. Para a autora, “o pessoal da educação em museus não se envolve com o planejamento e a preparação das exposições. (...) já recebe a exposição pronta e com a responsabilidade de fazê-la apreendível pelo público visitante” (VALENTE 1995, p. 7). Este dado foi confirmado com os funcionários do SAE durante o trabalho de campo.

Outra característica do museu como ferramenta de educação foi lembrada pela autora em questão (que cita Moro, 1982): “Os museus devem trabalhar suas coleções a partir do enfoque multi e interdisciplinar a fim de atuar junto à sociedade como um todo... (...) Este tipo de ação, educar, deve ser estendido a todos os seguimentos da sociedade” (VALENTE 1995, p. 42). Característica encontrada pelas professoras ouvidas no trabalho de campo de forma unânime, como veremos adiante.

pesquisas concernentes aos testemunhos materiais do homem e de seu meio, adquirindo-os, conservando-os, comunicando-os e especialmente expondo-os com o propósito de estudo, educação e deleite”.

Valente (1995, p. 41) ressalta ainda os quatro princípios que orientam a educação em museus:

- a) heterogeneidade quanto à idade, cultura, aos interesses e razões de visitar o museu;
- b) espontaneidade, sem que implique, necessariamente, que o visitante tenha decidido consagrar tempo e espaço a fins educativos;
- c) o deslocamento do público, com ou sem pressa, ao longo das salas do museu, podendo o visitante deter-se, observar ou ouvir quando assim desejar, deixando-o livre para ignorar o importante e prestar atenção ao irrelevante;
- d) não limitar por objetivos educacionais definidos o itinerário a ser seguido nos museus, ou seja, não vincular os objetivos ao itinerário, posto que, ao visitante é permitido escolher livremente um circuito.

Nesse sentido, a autora dialoga com Van-Praët (1988), citado por Köptcke (2003, p. 117) para quem a exposição de um museu “constitui uma mídia específica que utiliza de forma particular o tempo, o espaço e o objeto”, tido aí como a peça exposta. E fala também com Hooper-Greenhill (1991, p. 213) que acrescenta:

“(...) o verdadeiro potencial educativo dos museus decorre de sua capacidade em mobilizar conceitos referentes aos conteúdos apresentados de forma dinâmica e interativa, onde a emoção e a imaginação têm papel de destaque. A visita deve estabelecer laços afetivos e imaginativos entre o público e os objetos, os espécimes expostos, os monumentos históricos. Tais laços terão maiores chances de desenvolvimento quando interligados à realidade, às referências do indivíduo, seja este adulto ou criança”.

Em Cazelli (2005, p. 137), encontrei motivos para trabalhar com os professores e outros profissionais que lidam diretamente com o aluno. Segundo a autora,

“Em 33% das escolas municipais, o profissional que estabelece o contato com o museu ou instituição cultural a fim de ser visitado é o coordenador pedagógico. Já em 67% destas unidades escolares, a tarefa é dividida com professores e direção. Existem diferenças no caso das escolas particulares: em 29% delas o coordenador faz o contato e em 71% também estão envolvidos com esta rotina, professores, direção, secretaria e agência contratada para organizar a visita”.

“Os resultados relativos à participação em reunião para a preparação do roteiro, no caso de a instituição cultural fazer este tipo de exigência, não causam surpresa. Em 33% das escolas é o professor quem comparece e, em 67% somente a coordenação pedagógica divide com o corpo docente a preparação. Em 25% das escolas particulares, o professor é o participante deste tipo de reunião. Mas em 75%, coordenador pedagógico, diretor e agência contratada para organizar a visita também comparecem a estes encontros”.

“O esperado é que professores e coordenadores participem da reunião de preparação de roteiro de visita, porque são eles que poderão dar retorno à escola dos elementos abordados nas exposições. Via de regra, é neste momento que os profissionais das escolas e profissionais de setores educativos de museus têm a oportunidade de ajustar questões com o intuito de fazer com que a visita seja uma experiência marcante e rica em aquisições”.

Ou seja, quem lida diretamente com o museu, quem precisa ser informado sobre o que fazer, o que ver e o que esperar de uma visita pedagógica é o professor. Mas nem sempre ele tem essa informação. É ainda Cazelli (2005, p.128) quem aborda a questão.

“(...) pesquisas de avaliação mostram que a maior parte dos professores procura fazer o máximo ao seu alcance, mas muitos não têm informações suficientes sobre os artistas ou os movimentos dos quais participou. Não tem preparação, por exemplo, para usar imagens em sala de aula ou aproveitar o material de um vídeo”.

Aí a autora se referia a museus de arte, mas o enunciado se estende também a museus interdisciplinares, como o Nacional/UFRJ, onde a ampla diversidade de abordagens e disciplinas possíveis pode confundir o professor, como pude apurar na pesquisa de campo e como afirma Köptcke (2003, p.120):

“Na verdade, nenhum professor de primeiro ou segundo grau poderá dominar todos os assuntos tratados nas exposições. O maior ou menor domínio do conteúdo exposto é um dos fatores determinantes da estratégia de visita privilegiada pelo professor”.

Martineau (1991, p. 31) apontou a razão definitiva para esclarecer o professor sobre o acervo do museu, ouvindo-o sobre suas expectativas quando usa a instituição como auxiliar no trabalho de educar. Segundo o autor, “o museu, antigo reino dos curadores, desloca-se lentamente para as mãos dos educadores e comunicadores, esperando tornar-se, em breve, reino dos visitantes”. Ou seja, de um passado em que o museu meramente se expunha, busca-se o diálogo com o público, um diálogo que pode e deve ter mais canais que a exposição do acervo, ou melhor, que pode ser enriquecido com informações extras, além das que se consegue in loco, sobre estas peças.

Finalmente, voltei a Cazelli (2005, p.121) para entender por que o Guia deveria abranger toda a coleção, embora não falando de cada peça em separado, mas indicando o conceito a que ela estava ligada. Ela fala especificamente de museus científicos, mas seu pensamento se aplica ao Museu Nacional/UFRJ, cuja exposição vai além desse tema. Segundo a autora,

“A sociedade moderna entende que a educação é um processo que não acontece somente no espaço da escola, além de não se limitar ao período de formação escolar. Neste contexto, os museus de temática científica vêm enfrentando um triplo desafio: funcionar como instituições de educação não formal, promovendo oportunidades de aprendizado ao longo da vida; funcionar como instância de sensibilização para os temas científicos e contribuir para o desenvolvimento profissional de professores, pois estes, mais que todos, não podem prescindir de educação continuada em ciências”.

9. A HISTÓRIA, O ACERVO E O SAE DO MUSEU NACIONAL/UFRJ

O Museu Nacional/UFRJ foi criado em junho de 1818, pelo então rei de Portugal, Algarves e Brasil dom João VI. Para Valente (1995, p. 62),

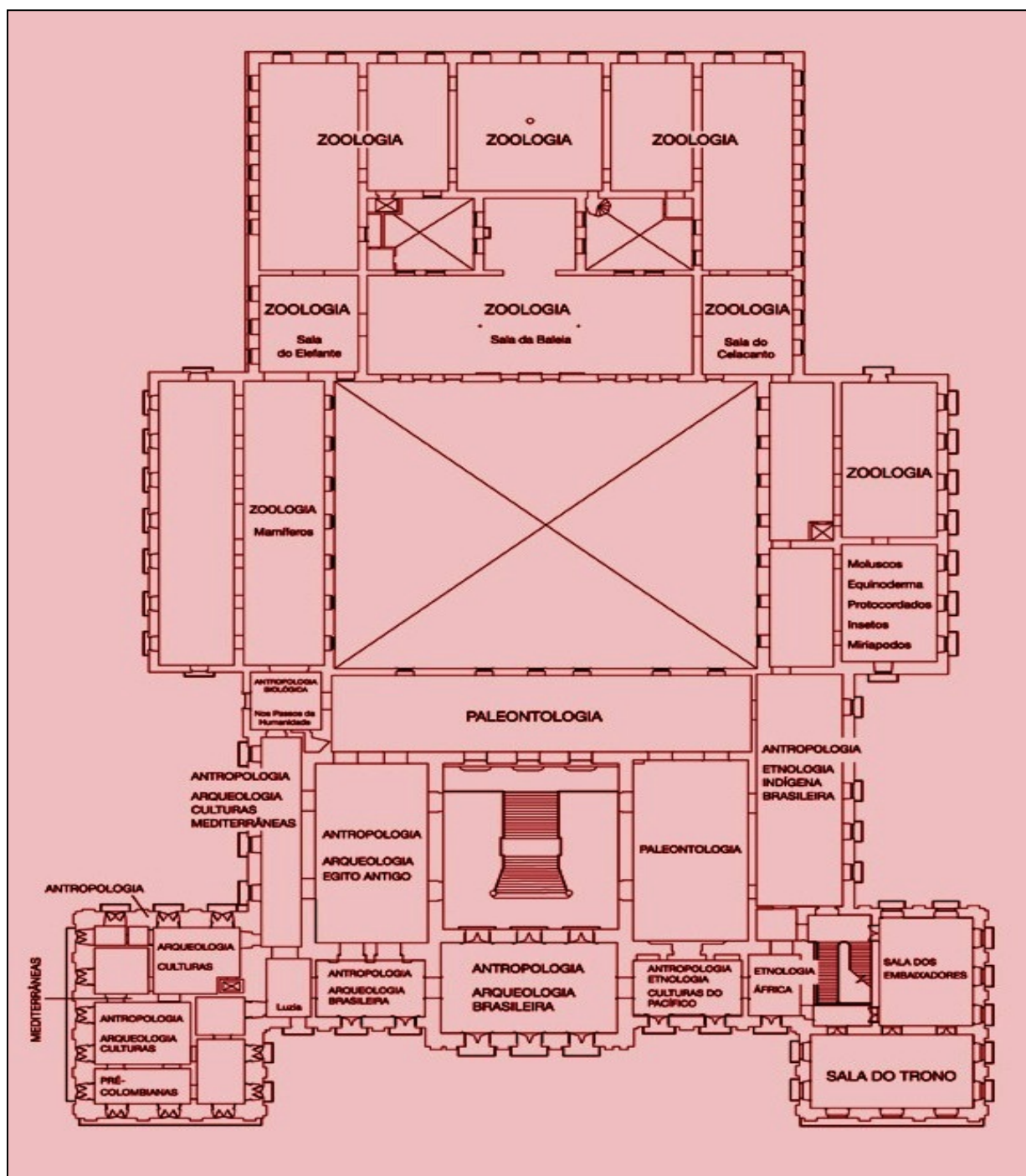
“(…) constituiu-se em uma das medidas que auxiliaram o fortalecimento da nova sede da monarquia. (...) criou-se um museu de formas tipicamente urbanas, como reflexo da tomada de consciência dos valores da razão, da civilização, bem como do novo espírito científico. Levando-se em conta as particularidades locais para sua implantação, o Museu foi criado dentro das novas concepções da época, estando a instituição, mais do que o gabinete de curiosidades, preocupada com a instrução dos que a freqüentavam”.

Esta vocação para ciência e para a educação acentuou-se a partir de 1946, ao ser incorporado à Universidade do Brasil (atual UFRJ). Hoje, tem 90 professores pesquisadores e mais de 300 alunos de pós-graduação. Seu acervo abrange áreas como Zoologia, Arqueologia, Etnologia, Geologia, Paleontologia e Antropologia Biológica e permite abordagens transversais, ou multidisciplinares. Uma visita a sua exposição permite conhecer a ciência e a tecnologia brasileiras: a atual e a histórica. O palácio onde se instala, no alto de uma colina no bairro de São Cristóvão, na zona norte do Rio de Janeiro, faz parte da História do Brasil. Cercado pela Quinta da Boa Vista, foi residência da família real brasileira, de sua chegada, em 1808, até a proclamação da República, em 1889. Dom Pedro I chegou lá ainda criança, dom Pedro II e sua filha, a Princesa Isabel, nasceram lá. Do período imperial, ficou a Sala do Trono, mantida com a pintura da época. Entre 1889 e 1891, abrigou a primeira Assembléia Constituinte da República. Em 1892, tornou-se sede o Museu.

A atual exposição permanente abrange sete sessões: Evolução da Vida (história da Terra e dos primeiros seres que a povoaram, antes dos humanos), Nos Passos da Humanidade (a evolução do Homem), Culturas Mediterrâneas (arte e artefatos greco-romanos, vindos de Pompéia e Herculano, na Itália), Egito Antigo, Arqueologia Pré-colombiana (arte e artefatos dos povos que habitavam as Américas), Arqueologia Brasileira (onde se destaca Luzia, o esqueleto humano mais antigo das Américas) e Etnologia Indígena Brasileira (a diversidade, a arte e o engenho dos índios brasileiros do século XX). Veja, abaixo, o mapa das exposições⁴ e, em seguida, em fotos, o percurso sugerido pelo Guia⁵.

⁴ Extraído do sítio www.museunacional/ufrj.br

⁵ Fotos da autora



1. Planta baixa do 2º pavimento do museu. Como mostra o mapa, a exposição permanente ocupa a metade frontal do segundo pavimento. Desde o século XIX, o palácio tem três andares



2. Saguão de entrada com o meteorito Bendegó



3. Escada de acesso à exposição permanente



4. Tabela do Tempo Geológico no saguão superior



5. Saguão de entrada da exposição permanente



6. Acesso à seção Nos Passos da Humanidade



7. Vitrines da seção Nos Passos da Humanidade



8. Entrada da seção Culturas Mediterrâneas



9. Seção Egito com as múmias da coleção



10. Peças da coleção greco-romana



11. Afrescos de Pompéia da coleção greco-romana



12. Entrada da seção Arqueologia Pré-Colombiana



13. Sala da seção Arqueologia Pré-Colombiana



14. Entrada da seção Arqueologia Brasileira



15. Arqueologia Brasileira: esqueleto de Luzia, ao fundo



16. Reconstituição do rosto de Luzia



17. Arqueologia brasileira: sambaquis



18. Salão da Arqueologia Brasileira



19. Sala do Trono



20. Afrescos da Sala do Trono



21. Seção Etnologia Indígena – Brasil



22. Instrumentos musicais indígenas



**23. Saída da Etnologia Indígena
Fim da exposição permanente**



24. De volta à escada para sair da exposição permanente

A entrada na exposição se dá pelo saguão principal do palácio, onde fica o meteorito Bendegó. De lá há um pátio com a escada que leva ao setor de Paleontologia. Não há um percurso pré-determinado. Por isso, o *Guia* seguiu o roteiro feito pelos monitores que orientam as visitas escolares, que começa pela seção Evolução da Vida.

A origem do acervo é variada como as áreas de conhecimento. No período colonial, o vice-rei Dom Luiz de Vasconcelos havia criado a Casa dos Pássaros, onde espécimes brasileiros eram empalhados e colecionados. Esta coleção acervo foi incorporada ao novo museu, instalado no Campo de Santana (atual Praça da República, no centro do Rio de Janeiro), onde hoje está erguido o Arquivo Nacional. Para Valente (1995, p.62), o Museu Real, como se chamou inicialmente, era mais que mera ampliação da Casa dos Pássaros, versão tropical dos gabinetes de curiosidades colecionados por nobres europeus do século XVIII, “pois não se tratava de um entreposto de produtos naturais”.

A coleção nunca parou de crescer. Ainda no primeiro reinado, em 1826, dom Pedro I arrematou em leilão quase toda a coleção Egito Antigo, além de algumas peças da Antiguidade Clássica. Há poucas referências sobre sua origem, mas há indícios de

terem vindo de escavações do explorador italiano Giovanni Battista Belzoni, um pioneiro da arqueologia e dos estudos sobre o Egito, que explorou a necrópole do templo tebano de Karnak e as negociou, na Europa, entre 1816 e 1819⁶. Foram trazidas ao Rio de Janeiro pelo comerciante italiano Nicolau Fiengo, após uma tentativa frustrada de vendê-las na Argentina.

As peças greco-romanas foram dote da mulher de dom Pedro II e, por isso, receberam o nome de *Coleção Teresa Cristina*. Ela era princesa do Reino das Duas Sicílias, (englobava a região da Itália de Nápoles à ilha da Sicília, ao sul) e recebeu uma parte do acervo de seu irmão, o rei Fernando II. Segundo correspondência trocada entre os dois, não era uma troca de presentes, mas um intercâmbio entre culturas de dois povos. Outras peças vieram escavações em 1924, promovidas pela própria princesa. Houve também presentes ao governo ou aos imperadores brasileiros, como o manto Owhyeeen por um rei tribal havaiano de passagem pelo Rio a caminho de Londres, ou o menino mumificado, dado ao Brasil do governo chileno⁷. O acervo de Arqueologia brasileira é resultado de pesquisas de especialistas brasileiros do próprio museu, em associação com estudiosos estrangeiros, ao longo de muitas décadas, como é o caso do esqueleto de Luzia, o mais antigo fóssil humano encontrado nas Américas, datado de 12 mil anos. As escavações começaram nos anos 1820, o esqueleto foi encontrado nos anos 1970 e as pesquisas continuam em andamento. Mas há também peças enviadas por leigos que as encontraram, como a munia de índia brasileira, presente para Pedro II da cafeicultora mineira Maria José Santana, em cuja fazenda os restos foram achados.

A coleção Etnologia Indígena é resultado de pesquisas do próprio museu, que vêm sendo desenvolvidas desde o início do século XX, por especialistas como Edgar Roquette Pinto, e continuada até hoje por pesquisadores da instituição. O mesmo ocorre com as coleções de Zoologia, Paleontologia e Geologia. Nesta, o destaque é o Bendegó, achado no interior da Bahia no século em 1784 e trazido ao Rio cem anos depois, numa empreitada que envolveu militares, estudiosos do museu e o patrocínio de um nobre brasileiro, identificado apenas como Barão de Guahy. Alguns exemplares de animais pré-histórico (preguiça-gigante, tigre-de-dente-de-sabre e dinossauros) estão em exposição. Eles foram encontrados em pontos variados do Brasil (Rio Grande do Sul, Ceará, São Paulo) em pesquisas desenvolvidas em parceria do Museu com outras

⁶ Esta e outras informações sobre o acervo, aqui e no Guia, foram extraídas das legendas da exposição permanente, onde nem raramente o autor é identificado.

⁷ Não há informação no museu sobre a data de chegada dessa peça, nem dados sobre sua origem, datação etc.

universidades. As coleções de Zoologia (com predomínio da fauna brasileira vertebrada ou não) e Geologia (com sua coleção de meteoritos caídos no Brasil) não estão expostas atualmente. As seções correspondentes estão fechadas desde meados desta década e a previsão é de reabertura no primeiro semestre de 2011.

Essa ausência de setores importantes de conhecimento na exposição permanente reflete o pensamento de parte de seus especialistas. Segundo uma funcionária, “há um hiato entre o que o museu pesquisa e o que disponibiliza para o público porque, na realidade, há muitos pesquisadores compromissados somente com sua pesquisa, não com a exposição⁸”. No entanto, esta mesma funcionária lembra que, em meados desta década, a então coordenadora da Seção de Museologia, Tereza Baumann, redesenhou toda a área de exposição. “Antes, tínhamos exposições temporárias, chamativas, mas pontuais. Ela entrou com o propósito de focar a mostra de longa duração e torná-la apresentável. A mudança foi geral”.

A visitação cresceu nos últimos 50 anos e mudou qualitativamente. Um relatório apresentado por Valente (1995, p.89), datado de 1958, diz que, naquele ano a exposição recebia 700 visitas por dia, o que nos leva a cerca de 200 mil pessoas em um ano, se lembrarmos que o Museu está aberto de terça-feira a domingo, inclusive nos feriados.⁹ Não há dados sobre a visitação escolar neste período. Hoje estes números cresceram. Segundo a Seção de Comunicação e Eventos, o número anual de visitantes subiu para 300 mil, a maioria deles vindo da zona Norte do Rio de Janeiro ou de cidades da Região Metropolitana. Isso certamente se deve à proximidade de estações do metrô e da linha férrea. Já a visitação escolar fica em torno de 25 mil estudantes, variando em milhares desde 2006, como veremos adiante. Estes números foram obtidos com o SAE.

Esse setor se subordina à Seção de Atividades Gerenciais do Museu, à qual estão ligadas também seções como Biblioteca, Comunicação e Eventos, Museologia, Publicações etc. Todas respondem diretamente à Diretoria Adjunta de Administração. As pesquisas e cursos de pós-graduação estão ligados à Diretoria Adjunta de Ensino, e ambas estão subordinadas à Diretoria Geral e ao Conselho Departamental¹⁰.

⁸ Esta afirmação e outras do texto sem identificação do autor foram dadas sob sigilo.

⁹ O cálculo aqui é de 300 dias por ano, descontando-se segundas-feiras e feriados como Natal e carnaval.

¹⁰ Segundo o organograma da instituição publicado no sítio www.museunacional/ufrrj.br

O SAE foi criado em 1927 por Roquette Pinto, que foi diretor da instituição de 1926 a 1935¹¹. Mas as visitas escolares são anteriores a estas datas, como informa Valente (1995, p. 15 e 16).

“Impulsionado pela idéia de utilidade para a instrução pública, o museu teve ao longo do século XIX estreita ligação com o ensino formal... Um dia por semana era franqueado aos alunos da Academia militar para que ali complementassem com aulas práticas as cadeiras de história natural, zoologia e botânica”.

“(…) A reforma de 1911 (quando Batista Lacerda era diretor), deu impulso à função escolar que, já presente nas ações das direções anteriores, passou a ter papel mais explícito. Essa reforma veio acrescentar ao novo regulamento a função de promover a vulgarização do estudo da história natural, usando, para isso, os meios convenientes: retornam ao museu os naturalistas viajantes, as conferências transformam-se em cursos, o museu passa a ser franqueado ao público todos os dias, exceto às segundas feiras”.

“(…) Outro artigo desse regulamento reforçava, ainda mais, a relevância dada às atividades de instrução pública que o museu teria de executar. Tratava-se da criação, na própria instituição, de um ‘Museu Escolar de História Natural’ destinado ao ensino intuitivo, especialmente adaptado para crianças. Essa tendência já vinha se verificando em outros museus como Victoria e Albert, de Londres e o Brookling Museu, de Nova York”.

Segundo uma funcionária, o melhor período da atividade foi nas décadas de 1950 e 1960. “Neste período, os professores do Museu estavam todos lotados no SAE. A partir do momento em que a instituição passou a integrar a Universidade do Brasil (hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ) houve um esvaziamento. Eles tiveram que optar, mas se ficassem no SAE perderiam o status de professor universitário”. Uma terceira funcionária lembra que essa situação perdura, já que pelas normas que orientam as carreiras acadêmicas no Brasil, ter trabalhos expostos em museus ou participar de atividades educativas para o Ensino Fundamental “não pontuam o currículo do profissional. Então, eles preferem orientar alunos de pós-graduação ou publicar artigos em revistas científicas que têm um retorno imediato”.

Desde então, há fases em que o SAE conta com parcerias que lhe permitem expandir seu campo de ação, outras em que quase só se atém às visitas de escolas, que levam entre 20 mil e 30 mil estudantes por ano ao Museu¹². Além das visitas e do *Treinamento de Professores*, promove outras atividades educacionais: *Vendo, Tocando e Aprendendo* (em que alunos manuseiam peças autênticas do acervo), *Manhã no Parque* (uma caminhada pela antiga Quinta imperial, acompanhada por professor-monitor) e *Coleção de Empréstimos* (que permite professores e escolas levarem parte do acervo para palestras, mostras científicas ou aulas nas escolas). Havia ainda o

¹¹ Esta é a data de fundação indicada no site da instituição. Valente situa o início das atividades do SAE em 1930.

¹² Os números exatos estão no capítulo 4, sobre o trabalho de campo.

Treinamento de Normalistas, desativado temporariamente, em função do fechamento das seções de Zoologia e Geologia e também das mudanças no curso de formação de professores para Ensino Básico. Há planos de reativá-lo em 2011 também.

Atualmente o SAE tem cinco funcionários, todos estatutários. Mara Regina Leite é a coordenadora, Guilhermina Guarabiraba é a coordenadora substituta e há três auxiliares, Sônia Regina Camargo, Ana Paula Tatagiba (ambas formada em Pedagogia) e Flávio Baptista Silva, que é responsável pela manutenção das peças na Coleção de Empréstimo. “Há uma divisão do trabalho, mas não é rígida. Todo mundo faz tudo, marca visitas, atende professores que buscam peças emprestadas, o que for preciso”, explicou Mara Regina Leite. Há ainda oito monitores para visitas, que são alunos do Ensino Médio do Colégio Pedro II, não necessariamente da unidade de São Cristóvão, e prestadores de serviço como o graduando de história Rafael Ribeiro, de quem falaremos adiante.

10. O TRABALHO DE CAMPO: A PRÁTICA APÓS A TEORIA

O trabalho de campo foi dividido em cinco etapas distintas não sucessivas: ouvir os professores sobre suas expectativas sobre o *Guia* (até mesmo se o consideravam necessário), ouvir o SAE sobre os mesmos temas, observar turmas de alunos visitando a exposição e a redação e edição, a partir do que fora observado e coletado nas três primeiras fases. A quinta fase foi de avaliação, pelos profissionais do SAE e parte das professoras do *Treinamento*.

As quatro primeiras fases do trabalho aconteceram concomitantemente, a partir de 19 de outubro de 2010, quando se iniciou o último *Treinamento de Professores* do ano, com nove alunas. Minha idéia inicial era aplicar um questionário no primeiro dia, mas a coordenadora SAE, Mara Regina Leite, sugeriu que se aplicasse na última aula, o que foi proveitoso, já que participei do curso como a décima aluna e tive maior contato com a coleção, com as professoras e também um primeiro conhecimento de como o SAE trata a exposição, o que considera importante ser visto e destacado (exatamente o que estava escrito nas legendas das peças e seções, como constatei posteriormente). O curso consistiu em três visitas guiadas com duração de cerca de três horas cada: no primeiro dia foram mostradas as coleções greco-romanas e Egito Antigo. No segundo dia, Evolução da Vida e Os passos da Humanidade. O terceiro dia foi dedicado a Etnologia Indígena - Brasil. A seção de Paleontologia não foi abordada no curso¹³. No quarto dia, as alunas apresentaram sugestões de roteiros para seus alunos, fictícios ou não. A partir daí, cabia aprofundar: qual seria o melhor *Guia*, com que conteúdo e que apresentação.

Para bem realizar essa tarefa, busquei ferramentas simples e eficazes, ainda que trabalhosas. Para os professores usei duas: um questionário fechado (**anexo 1**), aplicado com as nove profissionais que fizeram o *Treinamento* em outubro de 2010 e uma entrevista dirigida. O questionário me deu o perfil desse grupo (felizmente, bastante variado, como mostra sua tabulação – **anexo 2**) e as entrevistas (feitas separadamente) aprofundaram suas expectativas e necessidades ao promover a visita e aferiram a real necessidade de uma ferramenta extra, o próprio *Guia*, para preenchê-las. Foram conversas curtas, já que baseadas num questionário com perguntas pré-estabelecidas (**anexo 3**) embora nem sempre tenha sido possível ou recomendável ater-me só a elas.

¹³ Apesar disso, inclui no *Guia* porque os professores disseram que os esqueletos de dinossauros, dos animais pré-históricos e os fósseis são um dos principais atrativos do Museu Nacional/UFRJ, ao lado das múmias.

Para ouvir o Museu, entrevistei três profissionais do SAE, a coordenadora Mara Regina Leite, a coordenadora substituta Guilhermina Guaraciaba Ribeiro, ambas com quase duas décadas de atuação no setor, e o professor Rafael Oliveira. Este tem uma bagagem interessante ao objetivo deste trabalho. Aos 15 anos, quando cursava o 1º ano do Ensino Médio, no Colégio Pedro II, inscreveu-se no Programa de Iniciação Científica, um convênio entre o colégio e o Museu, e tornou-se monitor, guia de visitas escolares. Esteve nesta função até entrar para a Faculdade de História da Universidade Federal Fluminense e tornar-se professor estagiário. Hoje, leciona sua disciplina em escolas particulares e ainda mantém o vínculo com o Museu, dando um dos módulos do *Treinamento para Professores* e servindo de monitor para grupos específicos. Tem, portanto, a experiência de professor, monitor e funcionário do SAE e a base teórica do bacharel.

As entrevistas com os profissionais do SAE também tinham um roteiro de perguntas (**anexo 4**), mas estenderam-se além, fato que já era esperado e que procurei relevar diante das informações preciosas advindas dessas conversas que também foram gravadas em áudio. É interessante notar que a equipe fixa é enxutíssima, apenas cinco profissionais, e trabalha em condições precárias. Para se ter uma idéia, as marcações de visitas são feitas por telefone, mas o número convencional, que consta do site do Museu Nacional/UFRJ estava desligado em novembro e dezembro de 2010, sendo usado um celular do Rio de Janeiro (cuja ligação é bem mais cara) e a internet. Como não é objetivo deste trabalho explorar causas, consequências e soluções para os problemas da instituição, não insistirei neste ponto.

10.1. As professoras: perfil e entrevistas

O perfil das alunas do *Treinamento* foi bastante variado. A faixa etária predominante era dos 30 aos 49 anos, mas havia duas com mais de 50 anos e uma com menos de 24 anos. Das nove, três faziam graduação na área de educação, mas não exerciam o magistério. Das outras seis, duas lecionavam para os anos finais do Ensino Fundamental (6º a 9º), uma lecionava nos anos iniciais do Ensino Fundamental (1º a 5º) e Educação de Jovem Adulto (EJA), outra para Ensino Médio Profissionalizante e EJA e uma para todas as séries, de Educação Infantil a Ensino Médio e EJA.

As disciplinas também eram variadas. Duas lecionavam Artes e as outras se dividiam entre Biologia, Matemática, Geografia (uma professora em cada) e todas as disciplinas para primeiro seguimento do Ensino Fundamental (uma professora). Só uma delas não tinha feito pós-graduação na sua área. As outras cinco se dividiam assim: uma

tinha curso de Atualização (180 horas), três tinham Especialização (360 horas) e uma tinha mestrado. Dessas, só uma não fez pós-graduação na área de Educação. A experiência como professora também era variada. Duas lecionavam há menos de cinco anos, e duas tinham entre 16 e 20 anos de magistério. Uma tinha entre cinco e dez anos e a outra, entre 11 e 15 anos de magistério. Apenas uma só lecionava em escola privada. As outras todas vinham de escolas públicas, lecionavam em uma (duas professoras) ou duas instituições (três professoras), sendo que uma dava aulas em três escolas. A carga horária era de mais de 40 horas semanais para duas, entre 31 e 40 horas semanais para outras duas, entre 21 e 25 horas para um e menos de 20 horas para outra.

Metade das professoras do Treinamento não tinham ido a museu com alunos no ano anterior, duas tinham ido duas vezes e uma tinha ido mais de três vezes. Os maiores empecilhos para levar alunos a museu, segundo elas, são a falta de transporte (seis apontaram esta causa) e a falta de recursos para cobrir as despesas da visita (também foi apontada pelas seis). A visita como complemento, motivação e contextualização dos conteúdos trabalhados em sala de aula foram apontadas pelas professoras como uma razão muito importante para a realização da atividade. Todas pretendiam usar recursos extras para organizar a visita, sendo que sete apontaram Treinamento e seis apontaram a internet. Cinco buscaram material impresso fornecido pelo museu. As seis professoras gostariam de ter monitores acompanhando a visita e acreditam que uma hora de visita é suficiente para percorrer as seções com temas associados à disciplina que ministra. A seção de Etnologia Indígena – Brasil foi apontada por cinco professoras como a que pretendem levar os alunos.

Quanto ao *Guia*, todas querem informações sobre o acervo, sobre as peças mais curiosas (o esqueleto de Luzia, múmias etc.) e sugestões de atividades prévias. Nenhuma considerou importante falar sobre os trabalhos científicos desenvolvidos na instituição. Quanto ao tamanho ideal, quatro respondentes acreditam que o Guia deveria ter quatro folhas, duas preferem que tenha mais de 12 páginas e as outras se dividiram entre uma, cinco e 12 folhas. Neste item, levei em conta mais a orientação dos profissionais do SAE, o que se mostrou acertado na avaliação, como veremos adiante.

Além da tabulação dos questionários, orientei as entrevistas em função do que foi apurado neles individualmente. Neste relato, procurei organizar as falas nos itens do roteiro da entrevista, ou seja, os motivos pelos quais elas levam seus alunos ao Museu, qual seu conhecimento da instituição (acervo, história, pesquisas desenvolvidas lá), que informações deveriam constar, que seções da exposição são mais interessantes para sua

disciplina e como a professorar pretende usar o *Guia*. É importante ressaltar que esta última questão só foi respondida a contento na avaliação do mesmo, quando os professores opinaram sobre o trabalho semipronto, respondendo a um questionário aberto (**anexo 5**). Por exigência do Comitê de Ética, a identidade das professoras será mantida em sigilo, elas serão identificadas por números. Na medida do possível, reproduzo suas falas, para que seu pensamento seja preservado. Das nove alunas do *Curso de Treinamento*, apenas seis foram entrevistadas, visto que as outras três ainda são graduandas da área de educação e não têm experiência em sala de aula ou de levar estudantes a museus.

Seguindo o roteiro da entrevista, a professora 1¹⁴ considera a visita ao Museu Nacional/UFRJ importante porque lá “é possível materializar questões de preservação do patrimônio, da ligação entre arte, história e sociedade”. Para a professora 2, a visita ao Museu Nacional é importante para o aluno “ter contato com a cultura. Qualquer lugar que conte o que já passou permite que eles entendam sua própria história.” Segundo ela, assim como as histórias familiares fazem parte da história dos indivíduos, a criação, a formação e o desenvolvimento do Brasil e de outras culturas se inserem na trajetória de cada aluno. “E isso todos temos que conhecer”.

A terceira professora considera a visita um reforço aos conteúdos trabalhados em classe.

“Uma coisa é falar com o aluno, em sala de aula, que alguém fez a Independência do Brasil. E outra é levá-lo ao museu e mostrar onde essa pessoa viveu. Não adianta só falar o que é uma rocha, que os sedimentos se acumularam, que o vegetal ou animal, num determinado ambiente, viraram fósseis. Se o aluno conseguir visualizar um fóssil ele aprende muito melhor. Essa mistura de teoria com prática é muito importante e o Museu Nacional a possibilita por ser enorme, ter um acervo imenso e ser interdisciplinar”.

A professora 4 afirmou que

“o papel do Museu Nacional e de qualquer outro museu é fundamental. É o resgate de nosso passado. Mostra a humanização, pois tem ali o registro de pessoas que estiveram aqui. Isso faz com que o aluno se sinta parte de uma coisa maior que esta vida maluca de ficar correndo de um lado para o outro. Ele vê que outras pessoas já viveram, fizeram e caminharam neste chão até aqui. Afinal, nossa história não é estanque, é entrelaçada com todas as histórias. Isso nos valoriza como pessoas”.

Palavras às quais a professora 5 acrescentou: “O Museu nos dá um sentimento de pertencer a uma humanidade. Não somos um grupo isolado, uma cultura que brotou do nada, há um passado que vem de antes de sermos realmente humanos, como

¹⁴ Esta numeração segue uma ordem aleatória, sem qualquer grau de valor, apenas para o leitor perceber que algumas falas são da mesma pessoa sem, no entanto, identifica-la.

entendemos hoje.” Para ela, o fato de reunir “artefatos culturais” [expressão dela, aspas minhas] de pelo menos quatro culturas [greco-romana, egípcia, andina e brasileira] “cria uma continuidade nas histórias que aprendemos e ensinamos a nossos alunos.”

Para a professora 6, “qualquer museu é uma oportunidade de mostrar ao aluno que os conteúdos dos livros e da internet são concretos, realmente existem e foram criados por pessoas como nós, só que em outros tempos.” No caso do Museu Nacional/UFRJ, ela exemplificou com as seções de Arqueologia Brasileira, “em podemos mostrar que o nosso País já existia antes da chegada do europeu, embora de uma forma diferente da que entendemos hoje”, e de Etnologia Brasileira Indígena, “onde encontramos objetos e costumes tão diversos e tão próximos de nós.”

O Museu não é alvo só de elogios. A professora 3 lamentou que a exposição permanente “não esteja mais como quando eu era criança e fui lá. [ela disse ter 40 anos]... Tem menos salas”. Crítica acentuada pela professora 1, que reclama também de o acervo ser o mesmo há mais de uma década. “Os alunos reclamam que não há nada de novo e eles vão ficar andando nas mesmas salas de sempre”. No entanto, ela acha difícil falar de todo o acervo numa visita “porque é muito difícil pesquisar tudo, é muita coisa. De uma maneira geral, dá para isolar temas e trabalhá-los”.

Essa dificuldade é acentuada pela professora 3:

“Não dá para percorrer toda a exposição numa só visita, inclusive porque os alunos se dispersam, não se interessam. Acho que você tem que se focar em uma só seção, Egito, Roma, índios... Pode até visitar tudo, mas parar em determinada parte da exposição para trabalhar”.

Mesmo assim, ela considera a visita uma atividade essencial, embora extra curricular. “Os alunos não esquecem que foram ao museu. Quando você retorna ao assunto em sala de aula, eles lembram perfeitamente o que viram”.

Cinco das seis professoras ressentem-se de informações sobre o acervo e a história da instituição e de seu prédio e de como de explorá-los pedagogicamente. “Normalmente eu me atenho mais às seções Egito e Roma porque as conheço mais”, disse a professora 1. A professora 2 comentou:

“Só quando fiz o treinamento eu percebi ser possível explorar minha disciplina [Matemática], como na contagem das eras geológicas e dos períodos em que as culturas aconteceram. Mostrar para os alunos que o tempo se conta regressivamente até os anos do nascimento de Cristo e progressivamente depois é uma forma interessante de trabalhar”.

A professora 3 acredita que falta na exposição uma informação sobre a história da instituição e também um mapa para orientar a visita. “Geralmente vamos por pouco

tempo, são muitas salas e muitas informações e saímos com a impressão de que não exploramos nem 10% do que havia para ser visto”, disse ela. Ao que a professora 4 acrescentou:

“O que eu sinto falta são mais informações sobre as peças para fazer a ligação histórica. Se a gente faz uma visita sem o monitor, danou-se. Há os textos, mas a escrita deles não é específica o bastante. Por exemplo, eu vou lá há mais de 30 anos e nunca soube que a maioria das peças veio com dom Pedro I e dom Pedro II”. [ela se referia especialmente às coleções Egito Antigo e Greco-Romana, onde as legendas dão esta informação]

A professora 5 foi uma exceção. Ela afirma um conhecimento razoável da coleção “devido aos muitos anos que levo alunos lá”. Mas ressaltou que o Treinamento lhe deu outras informações “que poderão ser exploradas em visitas próximas”, sem especificar quais seriam elas. “Ainda está bem recente, tenho que estudar o material dado pelo Museu antes de responder a essa questão”. A professora 6 falou algo bem parecido, de outra forma:

“Embora tenha ido lá algumas vezes, as visitas monitoradas do Treinamento abriram tantas possibilidades que será preciso organizar melhor as próximas idas com alunos. Talvez seja assim mesmo, cada vez que vamos a um museu descobrimos enfoques e peças do acervo que nos tinham escapado até então”.

Mesmo assim, o *Guia de Visitação Escolar* não foi unanimidade entre as professoras. A de número 1 considera mais importante contratar monitores para conduzir a visita. Segundo ela,

“os grupos são sempre muito grandes, cerca de 40 crianças num espaço aberto, todos querendo saber de tudo, curiosos e a gente sozinha para dar conta. É mais interessante ter um monitor que um guia escrito porque o aluno gosta mais de ouvir a explicação de um estranho que do próprio professor”.

A professora 4 acredita que, uma vez tendo feito o *Treinamento*, “poderia dispensar um *Guia de Visitação*”, já que consegue “traçar o mapa do local e o material fornecido aos professores é bastante completo” [basicamente, repete as legendas da mostra permanente]. Mas ela acredita que “para quem não fez o curso seria interessante um *Guia* em que se visualizassem todas as áreas do museu”. Ela é de opinião que dá para trabalhar várias disciplinas numa mesma visita, ainda que se atenha a uma só seção.

A professora 2 tem no *Guia* uma ferramenta auxiliar importante, mas acredita ser fundamental uma visita prévia antes de levar os alunos. “Quando você vai ao Museu, percebe como é importante conhecer o acervo para explicar ao aluno, dar-lhe uma informação de peso”. Ela acha fundamental informar sobre a história do Museu, seu

prédio (que foi a residência dos imperadores brasileiros) e seu acervo, pois “assim o professor repassaria essas informações aos alunos antes da visita”.

A professora 3 fica no meio termo. Sem dispensar o *Guia* ou o monitor, ela acha que ambos “complementariam a atividade, permitindo haver uma troca de informações muito proveitosa para o aluno”. Algumas informações, segundo a professora 3, seriam fundamentais num Guia: “um mapa para indicar o local das salas e uma apresentação que permitisse ao professor e ao aluno reconhecer o espaço assim que chegasse ao Museu (...) com informações simples que eles [os alunos] pudessem entender”.

Já as professoras 5 e 6 foram sucintas na resposta. “É fundamental ter um *Guia*, pois ninguém consegue guardar tanta informação”, disse uma. A outra completou:

“Quando um professor leva seus alunos, cuida também do comportamento deles, que não é o mesmo dentro ou fora da sala de aula. Se ele pôde preparar os conteúdos a serem trabalhados com antecedência, terá uma preocupação a menos. Será preciso conter informações sobre toda a coleção para o professor escolher o que trabalhar”.

Essa afirmativa leva a um comentário da professora 4 quanto à preparação das turmas:

“O *Guia* pode ser um norte para o professor. Ele pode elaborar um trajeto de acordo com o grupo que levará. Se são alunos de 14 ou 15 anos de colégio particular ou público, a reação e os interesses são diferentes. Se é uma turma de crianças, a abordagem será outra. Atualmente, o único denominador comum é o computador que toda criança e adolescente adora.”

Por isso mesmo, para ela, é fundamental preparar o aluno para a visita. “Precisamos falar do que vai ser visto, explicar por que eles vão lá. Se saírem sem saber nada, vão pensar que é um passeio. Por isso, peço trabalhos sobre os assuntos a serem explorados antes e depois das visita”.

Por falar em computador, as seis professoras foram unânimes. É uma ferramenta para preparar as saídas da escola. “Eu uso computador para tudo, vou atrás de toda informação e não é diferente se for visitar um museu, seja o Nacional, o do Índio ou o Jardim Botânico”, disse a professora 4. “Eu ligo para todos os museus, agendo peço informações, vou à internet. Mesmo que o site não me satisfaça, alguma informação nova eu sempre consigo”, completou a professora 5. A professora 1 também pesquisa na internet, mas acha que o Museu Nacional deveria usar outros veículos para sua divulgação. “Podia usar a mídia, televisão, folders... A gente quase se esquece de que o museu existe. Poderiam fazer uma campanha incentivando a visita”. As professoras 2 e 3 até estranharam esta questão: “Alguém deixa de pesquisar na internet hoje em dia?”, disse esta.

10. 2. Com a palavra, o SAE

A museóloga Mara Regina Leite, coordenadora do SAE, entrou no Museu Nacional/UFRJ como estagiária no início dos anos 1980, quando estudava Museologia na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), e ocupa o cargo desde meados dos anos 1990. Suas ideias sobre a parceria museu/educação foram expostas logo no primeiro dia do Treinamento para professores:

“A grande função do museu é despertar curiosidade, questionamento, porque o museu vive de seu acervo. Se não tiver acervo, é outro tipo de instituição, centro cultural, instituto, fundação etc. No nosso caso, temos uma exposição digna, boa, nos moldes tradicionais com objetos únicos, que não serão encontrados em outro lugar do País e que são raros no continente”.

Na entrevista, ela desenvolveu esta ideia que norteia o trabalho de sua equipe:

“Qualquer museu é um espaço de educação não formal. Isso tem que ser claro para o professor. É um espaço para enriquecer a educação formal, que é dada na escola, para lhe abrir novos caminhos, uma nova visão, novas opções. Compare o tempo do aluno na sala de aula com o que ele fica aqui, no máximo uma hora e meia. Não se aprofunda nada em 90 minutos, mas o professor pode despertar a curiosidade, o interesse. Um professor bem preparado – e prepará-lo não é função do museu – pode, através da abordagem de uma seção ou de uma peça, falar de história, sociologia, economia, cidadania, uma enorme gama de assuntos”.

Mara exemplifica com sua especialidade, Antiguidade Greco-Romana, cujo acervo é exposto na seção Culturas Mediterrâneas.

“Quando mostro os objetos do dia a dia dos romanos, falo sobre o exército e aponto as armas e ferramentas que eles usavam no dia a dia, é possível fazer uma pesquisa aprofundada sobre quem eram esses homens, quais eram as vantagens de ser soldado, quais as desvantagens de não ser, por que era importante ser cidadão para ser soldado romano. Dentro do contexto dessa época, pode-se fazer uma analogia com a sociedade atual”.

Ela ressalta que, embora seja possível trabalhar aspectos sociológicos e de cidadania num museu, esta não é sua função principal.

“O professor não precisa do museu para explorar isso. Tem a sala de aula. O que ele pode é, depois de ter abordado essas temáticas, trazer seu aluno para ver objetos de determinada cultura e, através deles, entrar nesse conteúdo, buscar essa abordagem. Porque, através da cultura material é sempre possível extrapolar para outros temas, mas é preciso ter um conhecimento do que será visto, um preparo anterior”.

Para o SAE o ideal é que o professor ou professora participe do *Treinamento*, com 12 horas/aula, em quatro dias. “Mas só alguns fazem”, salientou. Ela não destaca uma peça ou seção da exposição permanente.

“Seria injusto. Algumas peças são mais raras que outras, mas a importância delas é muito relativa, depende do que o professor está tratando com os alunos. Às vezes, um cocar indígena pode ser mais importante que uma múmia, se o assunto for este”.

“(…) O ideal é que a visita dure uma hora, no máximo uma hora e meia. Então, sugerimos que o professor faça um roteiro. Se ele tem um planejamento, vem aqui faz uma visita mais aprofundada no setor que o interessa. Agora, se a escola não está preocupada com isso, pode ver todas as salas, dando destaque para as peças que ache mais interessante. Mas isso varia com a faixa etária do estudante e o nível de escolaridade, o que está sendo tratado na grade curricular”.

Embora reconheça que hoje os museus concorrem com muitos outros instrumentos não formais de educação, como jogos, internet, cinema, ela acha que o lugar de uma boa exposição está garantido, “desde que se modernize, acompanhe os caminhos da evolução da educação e do conhecimento que ocorrem no mundo inteiro”. Mara não recusa o uso de recursos multimídia, mas se diz cautelosa.

“Questiono um pouco museu em que o visitante fica diante de um teclado para ver tudo. Não sei até que ponto ele absorve alguma coisa ali. Deve haver, mas a exposição não pode ser baseada só nisso. Deve haver um planejamento, um conceito para aliar o lúdico ao tradicional. Senão, vira um grande parque de diversões”.

A coordenadora substituta do SAE, Guilhermina Guarabiraba Ribeiro concorda com Mara e vai adiante. Para ela, o professor deve ir além do currículo quando leva os alunos ao museu, deve discutir questões sociais e de cidadania e, para isso, é necessário compreender o contexto em que cada peça se encontra, mesmo que não domine todo o acervo exposto. No caso da Etnologia Indígena, sua especialidade, ela acredita que “se o aluno sair dali sem se lembrar de uma só peça, mas consciente de que há uma grande diversidade de cultura entre os índios brasileiros, a visita já terá valido. Ele terá uma visão diferente da que ouviu desde sempre, vinda do colonizador”.

Guilhermina é formada em Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e foi funcionária administrativa, ligada à diretoria, até meados dos anos 1990, quando se transferiu para o SAE, na época em que Mara assumia a coordenação. Guilhermina é a favor de um guia abrangente, que conte a história da instituição, do prédio, do acervo e destaque cada seção.

“Quem apresenta um trabalho fala só uma pequena parte do que sabe, mas precisa ter uma cultura muito mais ampla do assunto porque vão surgir questões, outras abordagens. Além disso, só assim o professor poderá escolher o recorte que dará a sua visita. Em uma hora, uma hora e meia, não dá para trabalhar quase nada, se não há um planejamento. O professor deve preparar previamente a turma para ver uma sala, seção ou peça específica e depois fazer a reflexão. Isso de acordo com a faixa etária do grupo, já que o nível de entendimento de uma criança da 4ª série é muito diferente de um adolescente da 9ª ou do Ensino Médio”.

Tal como Mara, Guilhermina ressalta que há itens no acervo que só serão vistos lá. “Onde mais no Brasil se encontra uma múmia, um molusco que só existe no fundo

do mar, no Japão, ou mesmo um conjunto tão grande de objetos vindos das escavações de Pompéia?” Ela acredita que um Guia de Visitação deve aproximar esse acervo do conhecimento do professor.

“Geralmente eles sabem muito pouco da exposição, conhecem pouco as peças, até porque museu sempre foi tido como um espaço elitista, só visitado por quem tem poder aquisitivo. No geral, as escolas vinham aqui e os professores não sabiam muito o que falar do acervo. Esse foi o motivo de termos criado o *Treinamento*. Só trazer o aluno aqui é pouco produtivo.”

O professor Rafael Ribeiro quase discordou.

“Acho que só levar o aluno é produtivo sim, mas aí entra a questão do tempo e do currículo. No Brasil temos 200 dias de ano letivo. Ciência e História têm, cada uma, três tempos por semana. Eu me pergunto como os professores vão conseguir fazer a massa do bolo [cumprir a grade curricular, explicação minha] e ainda colocar o chantilly [a visita ao museu, idem]. Numa visita, o conteúdo a ser passado está ali. Cabe ao professor instigar o olhar, confrontar o aluno com a peça, contextualizá-la, mais que descrevê-la. Este trabalho independe da idade ou da série do aluno”.

Ele lembrou que há uma produção científica do próprio museu que resulta e é resultado de seu acervo, mas estas teses e dissertações não atingem o professor que leva seus alunos à visitação. “Vêm numa linguagem científica, pouco acessível e ficam na biblioteca, longe do prédio onde se instala o museu. A bibliografia sobre o acervo existe, mas está dispersa em muitos livros”.

Rafael chamou atenção para a necessidade enfocar a visita como uma atividade didática e não de recreação.

“Se o professor leva uma turma ao Museu, tem que estar consciente de que é aquilo é uma aula, um complemento da matéria dada em classe. Deve preparar o estudante para isso, explicar o que será visto e o que será pedido após aquela atividade. Se isso não acontece, vira uma visita recreativa e eu não tiro a razão do aluno. Ele é jogado dentro de um museu, um espaço grande, enorme e o próprio professor, às vezes, está desatento. Por que só o aluno vai prestar atenção?”

Como ex-monitor, Rafael contou o outro lado da moeda.

“Nada melhor que pegar uma turma desmotivada, mostrar a exposição, conversar depois sobre o que ocorreu ali e ver que há curiosidade. Eu geralmente pergunto se os alunos têm dúvidas, mas é muito mais para avaliar o que eles entenderam, se estiveram atentos. Se isso acontece, a visita valeu. Se foi prazerosa, melhor ainda porque, independente de o aluno se lembrar de alguma peça ou sala, ele vai tentar se informar, pesquisar. A visita terá uma consequência”.

Baseado em sua experiência, Rafael considera impossível descrever cada sala, com suas peças, mas indicou o caminho para a criação do *Guia*:

“É preciso dar o conceito de cada sala, muito mais que as peças que existem dentro delas. Por exemplo, se o tema for Egito, é preciso enfatizar a importância da religião naquela sociedade, da arte, da hierarquia social. Aí é possível introduzir as peças porque elas estarão dentro de um contexto, de um conceito que se quer passar. Depois disso é só criar um texto onde caibam links para cada peça que se queira destacar. Com um material desse, o professor prepara-se em função do que precisa mostrar e da turma que vai levar.”

10.3. Observação das visitas escolares

A observação das visitas escolares começou pelo levantamento dos dados disponíveis no SAE. Os números são registrados no Livro de Visitas que fica na portaria da exposição permanente e são computados anualmente. A partir de 2006, indicam uma linha em ziguezague, já que a variação ano a ano supera o milhar de alunos, conforme mostra o quadro abaixo:

Tabela de visitação do Museu Nacional/UFRJ

	2006	2007	2008	2009	Total
Escolas	685	546	715	612	2.558
Alunos	26.400	21.156	28.309	24.528	100.393

A redução de mais de 5.000 visitantes escolares de 2006 para 2007 foi atribuída pela direção do SAE a um período em que a exposição permanente ficou fechada. Não há uma pesquisa a respeito da redução em quase 4.000 alunos de 2008 para 2009, mas é preciso observar que, no último ano, só foram contadas as visitas de março a dezembro, embora em janeiro e fevereiro dos anos anteriores sempre tenha sido menor a frequência. Os dados de 2010 ainda não haviam sido computados em dezembro deste ano. É interessante notar que em todos os anos prevaleceu a visitação de escolas públicas. No entanto, o registro dos alunos não é rigorosamente obrigatório, o que não permite garantir a exatidão desses dados.

Embora os professores indiquem a série dos alunos que visitam o museu, este levantamento não é feito pelo SAE, por isso, consultando o Livro de Visitas nos meses de outubro, novembro e dezembro de 2009, março, abril e maio de 2010, foi possível concluir que predominam as visitas de alunos a partir da 5ª série, com maior incidência de estudantes desta série e da seguinte, a 6ª série. Ressalte-se que houve muitos grupos de turmas mistas e, neste caso, considere-se a série inicial. Nos seis meses analisados, o museu recebeu 15.971 alunos. Foram registrados 1.388 alunos da 5ª série e 3.064 alunos de 6ª série, mas houve 1.526 alunos visitantes sem indicação da série. Em números de

escolas, a 6ª série superou todos os outros, com 70 grupos registrados, num total de 398 grupos, sendo 183 grupos mistos. Segundo o professor Rafael Oliveira, esta concentração se deve aos conteúdos curriculares destas séries, que tratam de temas presentes à exposição permanente do Museu Nacional/UFRJ: Antiguidade Mediterrânea (aí incluído Egito), Evolução do Homem, e Cultura Indígena.



25. Alunos no saguão do museu

26. Predominam estudantes da rede pública municipal



Após a verificação quantitativa, passei à qualitativa, acompanhando as visitas escolares da semana de 9 [uma terça-feira] a 13 de novembro de 2010 [um domingo]. Neste período, o Livro de Visitas registra 495 alunos divididos em 14 grupos e mantém a predominância de estudantes das 5ª e 6ª séries, sendo que apenas uma escola privada levou 30 alunos da pré-escola à 4ª série, mas houve 65 alunos de turmas de Aceleração e dois grupos, com um total de 48 alunos, um do Ensino Médio e outro de Educação de Jovens Adultos (EJA). Este último, com 30 estudantes, foi o único grupo a visitar o Museu no domingo, 13 de novembro. Isso me fez lembrar o comentário da professora 4, que alunos do EJA geralmente trabalham durante a semana, inclusive no sábado. Para ela, “seria muito bom que o museu abrisse à noite, como acontece com o Mast, dois dias por semana”.

Procurei acompanhar os grupos sem me identificar, evitando interferir no comportamento dos professores e/ou dos alunos, mas acredito que a presença de uma pessoa estranha fazendo anotações pode ter influenciado na forma de observar e explicar a exposição. O comportamento dos grupos segue um duplo padrão determinado pela presença ou não de monitores. Embora solicitados pelos professores, nem sempre é possível contar com eles para o acompanhamento da visita, já que se trata de trabalho voluntário, realizado por alunos que cursam o Ensino Médio do Colégio Pedro II, dentro de um convênio de Iniciação Científica. “Quando eles têm trabalhos ou provas, não podemos exigir sua presença”, explicou a coordenadora do Mara Regina Leite.

Por determinação do SAE, cada grupo de 10 alunos deve necessariamente estar acompanhado de um adulto (professor ou não) e cada grupo de visita não pode ultrapassar 120 estudantes. Geralmente são menores, ficam entre 15 e 40 alunos. Invariavelmente, eles se fotografam diante dos esqueletos de grandes animais pré-históricos (a preguiça gigante e o tigre-de-dente-de-sabre) que chamam atenção logo na entrada da exposição, pela grandiosidade e por estarem num plano acima do chão. O painel com a Tabela do Tempo Geológico (onde estão descritas cronologicamente as eras e épocas da Terra, com o registro dos seres que surgiram e/ou desapareceram em cada uma delas) só é olhado se a atenção é despertada pelo monitor.

Aliás, quando este está presente, o professor geralmente o deixa falar, apenas acrescentando comentários a seu discurso. São os próprios monitores que questionam a turma sobre dúvidas e fazem perguntas diante das peças e painéis do acervo, levando os alunos e refletirem sobre o que é mostrado em cada seção. Quando o monitor não acompanha a visita, os professores tomam a iniciativa de falar sobre as peças e painéis,

embora não desçam a detalhes. Dos 14 grupos que acompanhei, apenas uma professora, que se deteve com os alunos na seção Egito Antigo, conhecia peças além das múmias.

Ela explicou que, duas vezes por ano, leva grupos ao Museu Nacional/UFRJ e, por isso, fizera o *Treinamento de Professores* há dois anos. “Mudou a qualidade da visita, pois as peças adquiriram significado”, comentou a professora. Ela explicou que tratou de Egito Antigo com seus alunos e também falaria de pré-história brasileira naquela visita, comparando a religiosidade entre as duas culturas, dando ênfase à questão da vida pós-morte, tratada nas duas exposições.

Quando estão com monitores, os grupos o seguem por todo o percurso (quase sempre dóceis e interessados), mas as múmias são as peças que lhes ganham a atenção. As egípcias, das quais eles geralmente já ouviram falar, e as pré-colombianas, novidade da exposição permanente para quase todos os estudantes e boa parte dos professores. Causam mais impressão, como comentou um garoto aparentando 11 anos com um colega: “Tem jeito e cara de caveira, não são coloridas como as egípcias”.

O esqueleto humano mais antigo das Américas, a brasileira Luzia, também desperta atenção dos alunos, se destacada por um monitor, especialmente quando se explica o processo de reconstituição de seu rosto. Mas a sala seguinte, em que se mostram objetos de cerâmica pré-cabralina e os sambaquis, são vistas com alguma pressa e num silêncio pouco atento. “Esse monte de potes velhos e quebrados nem devia estar num museu”, comentou uma menina recém entrada na adolescência (aparentando não mais de 14 anos) com a amiga. Esta, no entanto, se impressionou quando o monitor explicou que naqueles enormes potes eram enterradas famílias inteiras.

A Sala do Trono também só ganha interesse quando explicada pelo monitor. E não faltam alunos que fazem mímica de reverências reais quando sabem que ali o imperador procedia à cerimônia de beija-mão. Dos 14 grupos acompanhados, ocorreu em oito. Já a sala de Etnologia Indígena – Brasil impacta, seja pelo acervo de cestaria, arte plumária e cerâmica, que pode ser visto fora de museus, seja pela descrição do Ritual da Moça Nova, que acontece com índias que tem a idade da maioria dos alunos ou são de faixa etária próxima.

Nas visitas sem monitores, a atenção dos estudantes se volta para as peças conhecidas, como Egito Antigo, Luzia e Etnologia Indígena. Dos 14 grupos, quatro se detiveram em alguma destas seções (uma parou também na sala de objetos do cotidiano dos romanos achados em Pompéia), ouviu explicações de uma das professoras acompanhantes e somente dois grupos tinham estudantes tomando notas. Os outros

nove grupos passaram pelas salas, mas não se detiveram mais demoradamente em nenhuma peça ou seção para receber explicações. Poucos alunos demoraram-se lendo os textos explicativos de cada seção ou sala, com exceção de Luzia, com destaque para o processo de reconstituição de seu rosto.

Não há registro de indisciplina grave nas visitas escolares ao Museu Nacional e é patente o controle do comportamento dos alunos por parte dos professores e professoras (estas sempre em maioria). Há uma atenção constante para que os grupos não se separem, que se evite correrias e conversas em voz alta. Estas inevitavelmente acontecem, a não ser nas salas onde a luminosidade é pouca e artificial, ou seja, nas seções Egito Antigo e Etnologia Indígena – Brasil. Não dá para concluir que a luz natural torna os alunos expansivos, mas certamente seu comportamento se retrai nas salas mais fechadas e escuras.

Resta lembrar que os vigias do Museu Nacional/UFRJ estão sempre atentos à visita, embora eu não tenha constatado nenhuma intervenção mais enérgica que exigir fotos sem flashes (em apenas dois casos, que a adolescente insistia em usá-lo e a professora estava em outra sala, o que também só aconteceu nestas duas vezes). É claro que não houve sequer uma enquete, mas os alunos e alunas que vão o Museu Nacional/UFRJ parecem gostar da atividade que os tira da sala de aula, procuram ser gentis com outros visitantes (é recorrente eles darem lugar diante de uma vitrine a alguém de fora de seu grupo) e se mostram interessados em ao menos alguma peça do acervo. No entender de Rafael Oliveira, a visita terá cumprido sua função: “Se for prazerosa, independente de o aluno se lembrar de alguma coisa, ele vai querer se informar depois, vai querer saber mais e a atividade terá uma consequência”.

10.4. A produção do *Guia*

Embora tenha visitado o Museu Nacional/UFRJ diversas vezes ao longo de 2010, só a partir de 19 de outubro, quando participei como ouvinte do *Treinamento de Professores* comecei percorrer o a exposição permanente com o intuito de entender e ter intimidade com a mesma. Constatei que deveria compreender qual o recado daquela organização museológica e museográfica, que conceito orientava aquela forma de juntar peças e textos. Essa apropriação era imprescindível, pois, como dissera Guilhermina Guarabiraba Ribeiro, “quem apresenta um trabalho fala só uma pequena parte do que sabe, mas precisa ter uma cultura muito mais ampla do assunto”.

Consultar o site da instituição (www.museunacional.ufrj.br) foi a primeira providência. Esta busca foi muito útil para a compreensão do tipo de abordagem que eu deveria dar ao *Guia*, para falar da história do prédio e da instituição, mas pouco me esclareceu sobre a exposição em si¹⁵, já que os textos do site informam mais sobre a as pesquisas lá desenvolvidas e a coleção como um todo (especialmente a reserva técnica) que sobre o que está à disposição do público para ser visto. No entanto, devo ressaltar que informações importantes foram extraídas daí, especialmente as históricas e de acesso ao Museu.

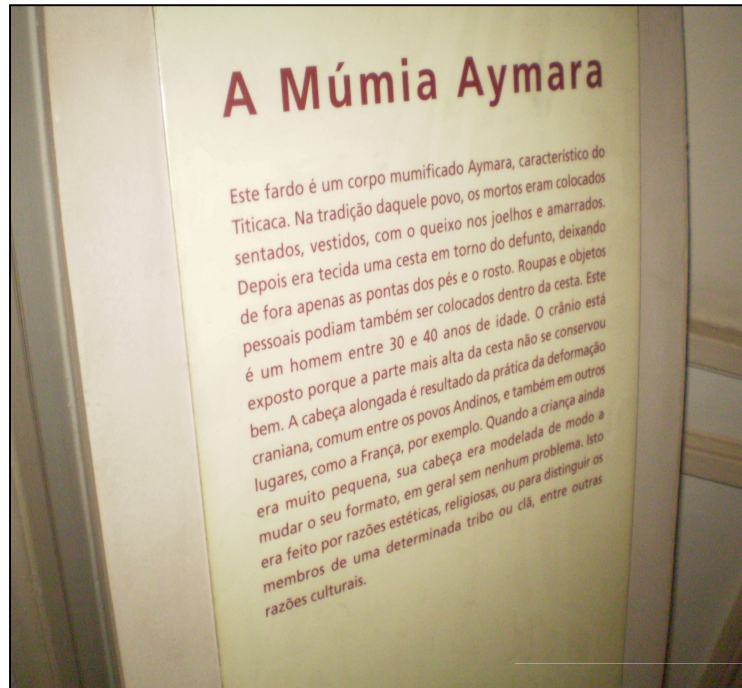
A partir da sugestão do professor Rafael Oliveira, de primeiro “dar o conceito de cada sala” e a partir daí “introduzir as peças... dentro de um contexto”, decidi dividir o Guia em dez páginas principais, com links para destacar detalhes, conceitos ou peças de cada uma delas. Usei o programa Microsoft Office Power Point 2003 por dois motivos: permitiu-me trabalhar os links e também porque é mais recorrente que a versão mais atualizada, 2010. Deste modo, o Guia ficou com dez páginas principais assim intituladas:

- 1) Guia de Visitação Escolar do Museu Nacional/UFRJ. Visitação Escolar em 60 minutos (capa)
- 2) O maior e mais antigo museu do Brasil (história da instituição e do acervo)
- 3) Evolução da Vida. Os passos da Humanidade
- 4) Culturas Mediterrâneas
- 5) Egito Antigo
- 6) Pompéia e Herculano (a coleção greco-romana, vinda de escavações nestas cidades próximas a Nápoles e submersa pela erupção do vulcão Vesúvio, em 79 d.C.)
- 7) Arqueologia Pré-Colombiana
- 8) Arqueologia Brasileira
- 9) Etnologia Indígena – Brasil
- 10) Como Organizar a visita

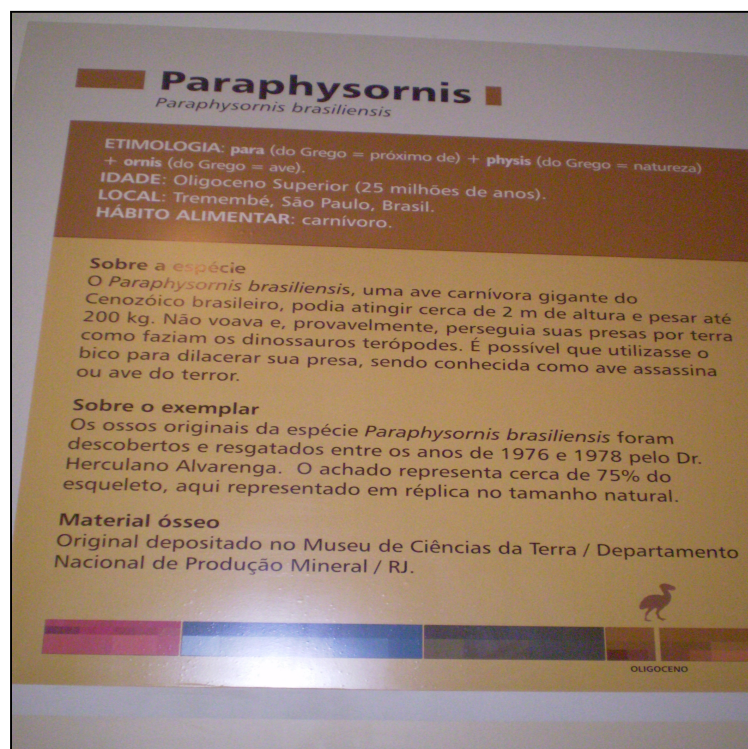
De 3 a 9, as páginas receberam o nome das seções de que tratam. Todas têm links de hipertexto com informações sobre o detalhe em destaque. Quem quer uma visão geral da do Museu e da Exposição percorre apenas as páginas principais. Quem quiser explorar peças ou temas específicos de cada seção recorre aos links.

¹⁵ Está em andamento uma reforma do site, na repaginação e nos conteúdos;

Para escrever o texto a solução mais óbvia foi copiar e resumir as legendas da exposição, recorrendo a informações extras apenas na ausência destas, como no caso de mini-biografias da família imperial brasileira. Tomada esta decisão, fotografei cada legenda como mostram as fotos abaixo:



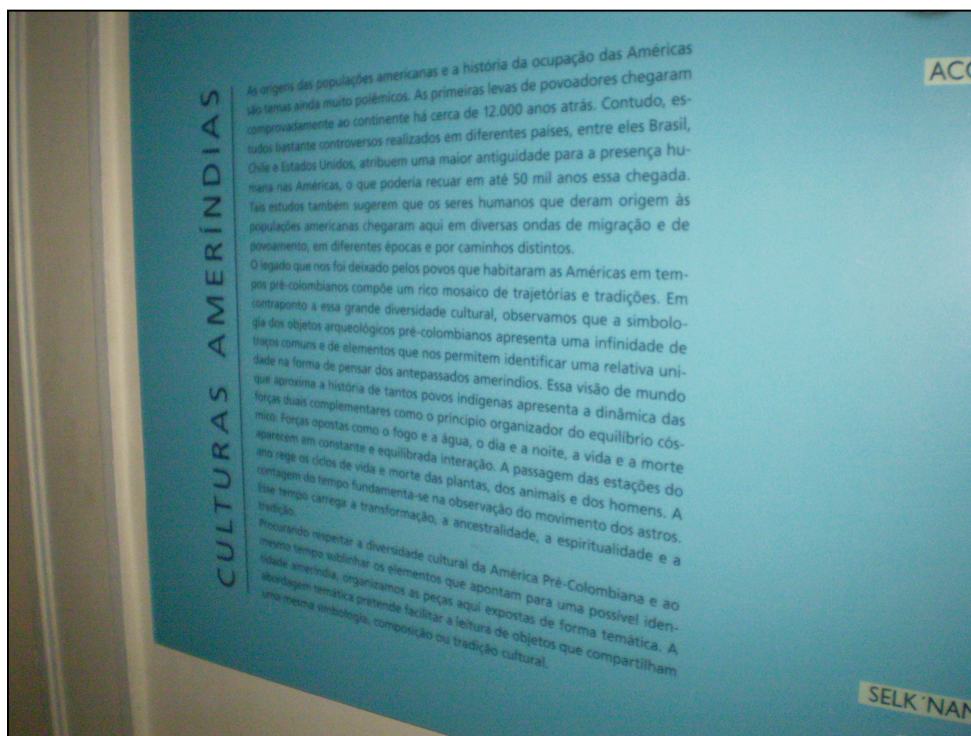
27. Legenda da Múmia Aymara, Arqueologia Pré-Colombiana



28. Legenda da Ave do Terror, Evolução da Vida



29. Mapa da América Latina com grupos indígenas



30. Legenda do mapa da América Latina com os grupos indígenas

Esta decisão deveu-se a duas questões, de ordem prática e de metodologia. Não haveria tempo para estudar cada peça. Além disso, sendo o Museu Nacional/UFRJ uma instituição de produção de conhecimento e sua exposição, o resultado das pesquisas ali desenvolvidas, não havia sentido nem necessidade de buscar informações além da que os especialistas da casa haviam preparado para o visitante. Foram mais de 100 fotos e, quando estas eram inviáveis, gravei o texto em áudio, transcrevi e depois resumi. Isso ocorreu especialmente na seção Egito Antigo, onde as peças ficam na penumbra e não é permitido o uso de flashes.

No momento de redigir o texto, entendi que era necessário ilustrá-lo com imagens e, após uma busca na internet, considerada insatisfatória, fotografei as peças na exposição e uma panorâmica de algumas salas. Coloquei, na página principal de cada seção, também na medida do possível, uma fotografia do ambiente. O objetivo é permitir que o item escolhido para ser trabalhado no *Guia* seja facilmente encontrado na visita. Ou seja, ao chegar ao museu, o professor reconheça imediatamente cada seção. Só em casos quando essa imagem não existia na coleção (caso do desenho do que deveria ter sido a Ave do Terror, dos hominídeos ou do processo de mumificação no Egito) recorri à internet, na maior parte dos casos, o site wikipedia, entre 23 e 30 de novembro de 2010. Quanto às informações sobre como organizar a visita, usei o folheto do próprio SAE, adaptando-o às sugestões das professoras. A redação e edição do Guia tomaram duas semanas, mas devo ressaltar que, na avaliação, sofreu modificações, o que já estava previsto no plano inicial.

10.5. A avaliação

As seis professoras entrevistadas e cinco funcionários do SAE testaram o Guia e responderam a um questionário de avaliação semi-aberto, com oito questões e um espaço de 5 linhas para resposta de cada uma. A intenção de deixar um espaço exíguo era obter o máximo de objetividade nas respostas. Havia um espaço também para comentários além do que havia sido perguntado e procurei saber ainda quanto tempo cada pessoa levou para testar o questionário. Embora estivesse presente quando foi testado, procurei não interferir levando em conta que, como o Guia deverá ser consultado pela internet, não haverá ninguém monitorando a atividade.

A preocupação com a objetividade revelou-se desnecessária, pois os 11 respondentes se ativeram ao número de linhas e, no mais das vezes, foram sucintos. A questão do tempo variou entre 20 minutos e 1 hora e 10 minutos. A média ficou em

torno de 30 minutos. Quem demorou mais foram as funcionárias do SAE e este prazo maior deve-se a que elas estavam também verificando a exatidão das informações tanto escritas quanto a iconografia. Houve pedidos de pequenas modificações, nenhuma estrutural, apenas dados ou fotos. Como por exemplo, constava no Guia que o Museu havia sido fundado no mês de julho de 1818, quando o mês certo é junho do mesmo ano. Outra correção foi quanto à foto da atividade *Vendo, Trocando e Aprendendo*, que foi substituída pela correta.

À primeira pergunta, “Você teve dificuldade para acessar o Guia?”, foi respondida negativamente por todos os respondentes. A pergunta 2, “O formato do Guia facilita o manuseio e dá possibilidade de levá-lo à sala de aula e à atividade de visitação?”, foi respondida afirmativamente por todos os respondentes, embora houvesse sugestão de, ao introduzir uma nova seção, localizá-la num mapa. Uma funcionária disse ter dúvidas “sobre a adequação de usá-lo durante a atividade de visitação porque, neste caso, o principal é mesmo o acervo”. Os nove respondentes responderam apenas sim ou elogiaram o formato.

A questão 3, “O número de páginas é suficiente para conter as informações que você necessita para programar a visita escolar?” foi respondida afirmativamente e houve comentários esclarecedores sobre como os professores podem usá-lo. “O número de páginas matriz é bem reduzido, os links é que proporcionam um complemento do programa. Neste caso, cabe o interesse do professor em acessar as informações”. Só como ilustração, esta professora havia dito que o guia deveria ter, no máximo oito páginas e não as 10 que possui. Outra professora lembrou que o Guia possibilita “um bom debate com a turma”. E uma terceira lembrou que “após o estudo dos textos, nada impede que se faça uma pesquisa complementar, partindo do princípio de formar ‘pesquisadores’ (aspas dela)”.

Houve unanimidade também na resposta à questão 4: “A distribuição dos textos e imagens facilita o entendimento das informações do Guia?” Dos 11 respondentes, nove escreveram apenas sim e dois fizeram os seguintes comentários: “muita rica estas imagens e textos” e “achei bem organizado.” Um deles considerou a quantidade de texto corrido excessiva e sugeriu o recurso de citações, como a que encerra a página da seção Etnologia Indígena – Brasil, para tornar a diagramação mais leve. Há dois argumentos para recusar esta sugestão: a frase citada na última seção é do padre Antônio Vieira e, em toda a exposição, não há personagens tão conhecidos como o jesuíta comentando os personagens e períodos abordados ou a acervo em si. Além disso, acredito que o

professor deve concentrar-se no esforço de apreender os conteúdos e toda iconografia e diagramação tinham por objetivo tornar mais claras – não mais palatáveis – as informações do *Guia*.

Também na questão seguinte, a de número 5, “Os temas abordados são suficientes para programar uma visita de 60 minutos?” foi respondida afirmativamente. Oito respondentes escreveram apenas sim, mas houve uma sugestão de passar de link a matriz o slide “Antes, durante e depois da visita”, o que foi feito. Uma das professoras lembrou que será necessário incluir as salas de Zoologia quando estas forem reabertas (previsão para início de 2011). E uma funcionária do SAE comentou que “os temas abordados extrapolam, com certeza esse tempo [60 minutos]. Daria para fazer uma visita de 2 horas”.

A pergunta 6, “As recomendações sobre como organizar a visita são claras o suficiente?”, houve a sugestão de advertir que o limite máximo para cada grupo é 120 alunos (atendida prontamente) da parte de uma funcionária do SAE. As outras respostas foram afirmativas, sem comentários. A questão 7, “As sugestões para atividades anteriores e posteriores são claras e suficientes?”, também teve resposta afirmativa, embora uma professora tenha comentado que são suficientes e claras, “quando o professor consegue seguir este três passos fundamentais para o sucesso da visitação”. Um professor lembrou que, “especificar mais [do que consta no *Guia*] pode levar a interferência no processo didático do professor”.

A última questão, “Na sua opinião, a leitura deste Guia incentiva a visita ao Museu Nacional, seja como atividade escolar ou atividade de lazer?” foi respondida afirmativamente por todos os professores.

Diante dessas respostas, considerei o Guia apropriado ao fim a que se destinava: orientar o professor na organização de uma visita escolar. Acredito ter chegado perto também de minha pretensão inicial de “preencher o hiato entre a busca dos professores por uma alternativa complementar à educação formal, da sala de aula, e a intenção do Museu de colocar seu acervo à disposição dos educadores”.

11. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Produzir o *Guia de Visitação Escolar ao Museu Nacional/UFRJ. Iniciação à ciência em 60 minutos* foi envolvente por ter-me dado o prazer de entrar em contato com professoras de escolas públicas, conhecer-lhes um pouco a vida e a forma de pensar a educação. Da mesma maneira, penetrei um pouco nas entranhas de uma instituição quase bicentenária e entendi melhor como se forma uma tradição, o empenho e a dedicação necessários a quem desempenha esta tarefa. Creio ter atingido o objetivo de aproximar estas duas pontas de um mesmo novelo, que se propõe a criar conhecimento e estimular pessoas de todas as idades a buscá-lo formalmente (nos bancos da sala de aula) ou informalmente (nos museus, nos meios de comunicação, na vida). Tive a pretensão também de criar um produto esteticamente atraente que, se não ficasse à altura do acervo, do palácio e dos arredores do Museu Nacional/UFRJ, ao menos despertasse no meu leitor o desejo de conhecer fisicamente o que ali é mostrado.

Sem falsa modéstia, acredito ter conseguido estes objetivos. A receptividade das professoras ao *Guia* me indicam isso. Com entusiasmo, elas interromperam sua apressada rotina para falar-me duas vezes, primeiro de suas expectativas e depois para analisar o trabalho pronto e dar suas sugestões de correções e/ou aperfeiçoamento. O mesmo ocorreu quando procurei os profissionais do Museu. O SAE abriu-me as portas e os arquivos a todo momento e as outras áreas receberam o trabalho pronto de braços abertos. Prova incontestável de que alcancei o que buscava é que o *Guia* estará disponível no site da instituição, cumprindo assim o objetivo a que me propus e realizando o que sonhei quando iniciei este trabalho, no início de 2010.

A convivência com professoras, museólogas e profissionais de educação do museu evidenciou temas para reflexão. São dois lados da mesma questão, que estão de acordo sobre a necessidade de ampliar os horizontes dos alunos e sobre o papel que o Museu Nacional/ UFRJ pode desempenhar. Seu acervo diverso atende às disciplinas do currículo formal e pode ser explorado pontual, transversal ou globalmente. O SAE dispõe dos subsídios para as visitas escolares e as professoras querem recebê-las. É preciso, portanto, encontrar canais de comunicação entre dois atores da atividade.

Mas há outra dificuldade mais premente ficou evidente mesmo sem ser foco do trabalho. O maior empecilho para a visita escolar é a falta de transporte. A maioria dos alunos vem de escolas públicas, teoricamente de baixa renda, sem condições de pagar a passagem de ônibus, trem ou metrô ou o aluguel do ônibus que os leve até o museu. Dificuldade acentuada pela impossibilidade legal de se cobrar esse pagamento deles. O

Museu Nacional/UFRJ não tem recursos para este fim, nem outras instituições consultadas (Museu da Vida e Museu Histórico Nacional), dispõem de meios para isso ou programas semelhantes.

Faltam também monitores. Os oito que estão lá são voluntários, alunos do Ensino Médio do Colégio Pedro II, que não deixam suas obrigações para atender à grande demanda por sua colaboração. Ainda que disponham de um *Guia de Visitação*, as professoras querem dividir a orientação da visita com pessoas da instituição. E este estágio é, em si, um programa de Iniciação à Ciência para alunos do Ensino Médio. Constatei que o ex-monitor e atual professor de História Rafael Ribeiro, não é exceção. Entre os atuais monitores, há quem pense em continuar e aperfeiçoar-se nessa função.

Embora enfrentando dificuldades, o Museu Nacional/UFRJ cumpre o papel duplo de ampliar os horizontes culturais dos alunos que o visitam e de iniciá-los no conhecimento da ciência e da História (Natural, Geral e do Brasil). Falta encontrar meios para que a instituição pioneira na produção e divulgação científica do Brasil amplie seu público, que está ávido para fruir os conhecimentos ali disponíveis. Na maior parte das vezes em que visitei a exposição permanente, a impressão é de que o espaço comportaria muito mais visitantes que os 20 ou 30 mil estudantes que vão lá anualmente. E que a visita é sempre um programa prazeroso, que prende a atenção dos alunos. Ou seja, os elementos para que o Museu Nacional/UFRJ cumpra seu papel na educação existem, falta apenas combiná-los para que essa possibilidade se torne um fato real.

12. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES-MAZZOTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O Método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Editora Pioneira, 1998.

CAZELLI, S. **Ciência, cultura, museus, jovens e escolas: quais as relações?** (Tese de Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC - Rio), Rio de Janeiro, 2005.

HOOPER-GREENHILL, E. **Museum and gallery education**, Leicester/Londres/New York: Leicester University Press, 1991.

KÖPTCKE, L. S. Análise da parceria museu-escola como experiência social e espaço de afirmação do sujeito. In: GOUVÊA, G.; MARANDINO, M.; LEAL, M. C (orgs.) **Educação e museu: a construção social do caráter educativo dos museus de ciência**. Rio de Janeiro: Editora Acess, 2003, p.107-128.

FALCÃO, D.; COIMBRA, C.A.Q.; CAZELLI, S. Museus de ciência e tecnologia e inclusão social. In: GRANATO, M.; SANTOS, C.P. dos; LOUREIRO, M.L.N. (Org.). *O Caráter Público dos Museus* – MAST Colloquia, 1 ed. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2010, v. 12, p. 89-116.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. **A pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Editora EPU, 1986.

MARTINEAU, R. L'éducation au musée: vers un savoir apprendre. **Musées**, v. 13, p.27-32, 1991.

VALENTE, M. E. A. **Educação em Museu. O público de hoje no museu de ontem**. (Dissertação de Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC - Rio), Rio de Janeiro, 1995.

WIKIPEDIA, a enciclopédia livre. Disponível em < www.wikipedia.org >. Acesso entre 23 e 30 de novembro de 2010.

MUSEU NACIONAL, a natureza faz História. <www.museunacional.ufrj.br>. Acessos em maio, junho, outubro e novembro de 2010.

13. ANEXOS

Anexo 1

QUESTIONÁRIO DO PROFESSOR

Prezado(a) Professor (a)

Este questionário foi elaborado com o objetivo de conhecer suas expectativas a respeito da(s) visita(s) ao Museu Nacional/UFRJ que você pretende realizar com os alunos da escola onde leciona. Pretendemos conhecer suas motivações e suas necessidades de informações prévias para planejar esta atividade e tirar dela o maior proveito. Além disso, pretendemos traçar o perfil do professor que planeja levar alunos ao museu, suas experiências e práticas pedagógicas.

Os dados coletados serão analisados com vista à elaboração de um Guia de Visitação que deverá estar disponível no site do Museu Nacional/UFRJ para consulta e impressão. Por isso, sua colaboração será preciosa. Seu anonimato e o sigilo de suas respostas serão garantidos. Os dados pessoais solicitados no cabeçalho iram para nosso cadastro para caso de contato posterior com você e sua instituição – mediante sua autorização- a fim de detalhar das informações obtidas.

Desde já, agradecemos sua colaboração.

Nome:

Telefone para contato: E-mail para contato:

1.1. Qual é o seu sexo?

- A) Masculino B) Feminino

1.2. Qual é a sua idade?

- A) Até 24 anos C) De 30 a 39 anos E) De 50 a 54 anos
B) De 25 a 29 anos D) De 40 a 49 anos F) 55 anos ou mais

1.3 Em que área da educação ministra aulas? (PODE MARCAR MAIS DE UMA OPÇÃO)

- A) Educação Infantil
B) Ensino Fundamental (anos iniciais: 1º ao 5º ano)
C) Ensino Fundamental (anos finais: 6º ao 9º ano)
D) Ensino Médio

1.4 Que disciplina leciona? (ESCREVA NAS LINHAS PONTILHADAS)

- A) Educação Infantil:.....
B) Ensino Fundamental (anos iniciais: 1º ao 5º ano):.....
C) Ensino Fundamental (anos finais: 6º ao 9º ano):.....
D) Ensino Médio:.....

1.5 Assinale, entre as opções abaixo, a que melhor corresponde à sua escolaridade.

- A) Ensino Médio → PASSE PARA A QUESTÃO 1.8
B) Ensino Médio – Magistério → PASSE PARA A QUESTÃO 1.8
C) Ensino Superior – Pedagogia
D) Ensino Superior – Outra Licenciatura
E) Ensino Superior – Outros

1.6 Indique abaixo a modalidade de cursos de pós-graduação que corresponde ao curso de mais alta titulação que você possui.

- A) Não fiz ou ainda não completei curso de pós-graduação → PASSE PARA A QUESTÃO 1.8
B) Atualização (mínimo de 180 horas)
C) Especialização (mínimo de 360 horas)
D) Mestrado
E) Doutorado

1.7 Indique qual a área temática que melhor corresponde ao curso de pós-graduação de mais alta titulação que você possui.

- A) Educação, enfatizando língua portuguesa
B) Educação, enfatizando educação matemática
C) Educação – outras ênfases
D) Outras áreas que não a educação

1.8 Há quantos anos você é professor(a)?

- A) Há menos de 5 anos
B) De 5 a 10 anos
C) De 11 a 15 anos
D) De 16 a 20 anos
E) De 21 a 25 anos
F) Há mais de 25 anos

1.9 Há quantos anos você é professor(a) da escola que pretende levar ao Museu Nacional?

- A) Há menos de 1 ano
B) De 1 a 2 anos
C) De 3 a 4 anos
D) De 5 a 10 anos
E) De 11 a 15 anos
F) Há mais de 15 anos

2.0 Qual é a dependência administrativa da escola que pretende levar ao Museu Nacional?

- A) Municipal
B) Estadual
C) Federal
D) Privada
E) Outra → Qual?

2.1 Em quantas escolas você trabalha?

- A) Em apenas uma
B) Em duas escolas
C) Em três escolas
D) Em mais de três escolas

2.2 Qual é a sua carga horária semanal?

- A) Até 20 horas semanais
B) Entre 21 e 25 horas semanais
C) Entre 26 e 30 horas semanais
D) Entre 31 e 40 horas semanais
E) Mais de 40 horas semanais

2.3 Que ano/série cursam os alunos que pretende levar em visita escolar ao Museu Nacional?

- A) Educação infantil
B) 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental
C) 6º ao 9º ano Ensino Fundamental
D) 1ª a 3ª série do Ensino Médio
E) Grupos de anos/séries variados

2.4 Abaixo estão listadas várias possíveis razões para que uma turma de estudantes venha visitar o Museu Nacional

(Marque com um "X" a alternativa que MELHOR expresse a importância da razão da visita)

	Não Importante	Pouco Importante	Importante	Muito Importante
1. Exemplificar temas já abordados em sala de aula	☐	☐	☐	☐
2. Ampliar a cultura dos estudantes	☐	☐	☐	☐
3. Motivar temas a serem abordados em sala de aula	☐	☐	☐	☐

4. Mudar a rotina escolar	☐	☐	☐	☐
5. Ver coisas novas e diferentes	☐	☐	☐	☐
6. Compensar a falta de laboratórios na escola	☐	☐	☐	☐
7. Promover o conhecimento científico no contexto social	☐	☐	☐	☐
8. Interagir com o conhecimento tratado de forma integrada	☐	☐	☐	☐
9. Criar hábitos de visita a espaços não formais de educação	☐	☐	☐	☐
10. Reforçar as relações entre os estudantes e o professor	☐	☐	☐	☐

2.5 Além dessa capacitação (treinamento), que recursos você pretende usar na preparação da visita ao Museu Nacional com seus alunos? (Pode marcar MAIS DE UMA resposta)

- A) Não pretendo usar outro recurso
- B) Informações disponíveis na internet
- C) Informações disponíveis no guia turístico
- D) Folhetos e/ou outros tipos de material oferecidos pelo Museu
- E) Informações passadas por colegas que já visitaram o Museu

2.6 Em sua opinião, esses recursos são:

- A) Inúteis para a preparação da visita
- B) Úteis, mas insuficientes para a preparação da visita
- C) Não sei
- D) Muito úteis para a preparação da visita
- E) Fundamentais para a preparação da visita

2.7 Você pretende contar com o apoio dos monitores do Museu Nacional para mediar a visita dos seus alunos?

- A) Sim
- B) Não

2.8 Em sua opinião, numa visita com seus alunos ao Museu Nacional de uma hora de duração é possível:

- A) Percorrer toda a exposição permanente, detalhando os temas presentes nas diferentes seções
- B) Percorrer toda a exposição permanente, sem se deter nas diferentes seções
- C) Percorrer todas as seções cujos temas estão associados à(s) disciplina(s) que ministra
- D) Percorrer somente a seção cujo tema está associado ao conteúdo programático que está sendo desenvolvido
- E) Este período de duração da visita é insuficiente para qualquer atividade planejada

2.9 A que seções da exposição permanente do Museu Nacional você pretende levar seus alunos: (Pode marcar MAIS DE UMA resposta)

- A) A todas as seções da exposição permanente
- B) À seção de “Zoologia” (animais da fauna brasileira)
- C) À seção de “Arqueologia” (Egito antigo, Mediterrânea, Coleção Tereza Cristina, pré-colombiana e brasileira)
- D) À seção de “Etnologia” (Brasil Indígena e outras culturas)
- E) À seção de “Geologia” (minerais brasileiros, inclusive os meteoritos que caíram no país)
- F) À seção de “Paleontologia” (dinossauros e outros animais pré-históricos)
- G) À seção de “Antropologia Biológica” (o homem pré-histórico brasileiro, inclusive o crânio e o rosto reconstituído de Luíza, achado em Lagoa Santa, Minas Gerais)

3.0 Que tipo de informação você acha que o Museu Nacional deveria dar ao professor antes da visita escolar? (Pode marcar MAIS DE UMA resposta)

- A) A história da instituição
- B) As Coleções/Acervo da instituição
- C) As peças mais importantes de cada coleção

- D) As peças mais curiosas da coleção (por exemplo: Meteorito de Bedengó, reconstituição de Luíza, a mulher pré-histórica, a múmia, as salas das princesas, etc.)
- E) Os trabalhos científicos desenvolvidos na instituição
- F) Sugestões para as atividades prévias à visita
- G) Sugestões para as atividades posteriores à visita

3.1 Em sua opinião, qual é o tamanho ideal de um Guia de Informações para a visita escolar?

- A) Uma folha
- B) Até 4 páginas
- C) De 5 a 8 páginas
- D) De 9 a 12 páginas
- E) Mais de 12 páginas

Anexo 2

ESTATÍSTICA DESCRITIVA

1.1: Sexo

	Frequência	Percentual
Feminino	9	100,0

1.2: Faixa etária

	Frequência	Percentual
Até 24 anos	1	11,1
De 30 a 39 anos	3	33,3
De 40 a 49 anos	3	33,3
De 50 a 54 anos	1	11,1
55 anos ou mais	1	11,1
Total	9	100,0

1.3: Em que área da educação ministra aulas?

	Frequência	Percentual
Ensino Fundamental (anos finais: 6º ao 9º ano)	2	33,3
EF (anos iniciais: 1º ao 5º) e EJA	1	16,7
EF (anos finais: 6º ao 9º ano) e Ensino médio	1	16,7
EM e EJA	1	16,7
Edu Inf, EF (anos 1º ao 5º), EF (anos 6º ao 9º), EM e EJA	1	16,7
Total	6	100,0
Missing 7	3	
Total	9	

1.4: Nome dos participantes e disciplina que lecionam nas áreas em que ministram aulas (1.3)

Nº Questionário	Nome do participante	Disciplina
1		Não é professora
2		Análises clínicas e análises clínicas
3		Todas e Todas
4		Não é professora
5		Não é professora
6		Matemática
7		Geografia e Geografia
8		Artes (em todas as áreas da educação que leciona)
9		Artes
Total	9	

1.5: Nível de escolaridade

	Frequência	Percentual
ES-pedagogia	1	16,7
ES-outra licenciatura	3	50,0
ES-outros	2	33,3
Total	6	100,0
Missing 7	3	
Total	9	

1.6: Modalidade de cursos de pós-graduação

	Frequência	Percentual
Não fiz ou ainda não completei	1	16,7
Atualização (180 h)	1	16,7
Especialização (360 h)	3	50,0
Mestrado	1	16,7
Total	6	100,0
Missing 7	3	
Total	9	

1.7: Área temática que corresponde ao curso de pós-graduação

	Frequência	Percentual
Educação-outras ênfases	4	80,0
Outras áreas que não a educação	1	20,0
Total	5	100,0
Missing 7	3	
9	1	
Total	4	
Total	9	

1.8: Há quantos anos você é professor?

	Frequência	Percentual
Há menos de 5 anos	2	33,3
De 5 a 10 anos	1	16,7
De 11 a 15 anos	1	16,7
De 16 a 20 anos	2	33,3
Total	6	100,0
Missing 7	3	
Total	9	

1.9: Há quantos anos você é professor da escola que virá ao Museu Nacional?

	Frequência	Percentual
De 1 a 2 anos	1	16,7
De 3 a 4 anos	1	16,7
De 5 a 10 anos	3	50,0
De 11 a 15 anos	1	16,7
Total	6	100,0
Missing 7	3	
Total	9	

2.0: Rede de Ensino

	Frequência	Percentual
Municipal	3	50,0
Estadual	1	16,7
Privada	1	16,7
Municipal, Estadual e Privada	1	16,7
Total	6	100,0
Missing 7	3	
Total	9	

2.1: Em quantas escolas você trabalha?

		Frequência	Percentual
Valid	Em apenas uma	2	33,3
	Em duas escolas	3	50,0
	Em mais de três escolas	1	16,7
	Total	6	100,0
Missing	7	3	
Total		9	

2.2: Qual é a sua carga horária semanal?

		Frequência	Percentual
	Até 20 h semanais	1	16,7
	Entre 21 e 25 horas semanais	1	16,7
	Entre 31 e 40 horas semanais	2	33,3
	Mais de 40 h semanais	2	33,3
	Total	6	100,0
Missing	7	3	
Total		9	

2.3: Que ano/série cursam os alunos que pretende levar ao MN

		Frequência	Percentual
	6º ao 9º ano do EF	2	33,3
	1ª ao 3ª série do EM	1	16,7
	1º ao 5º ano EF e 6º ao 9º ano EF	1	16,7
	1º ao 5º ano EF e EJA	1	16,7
	1ª a 3ª série do EM e EJA	1	16,7
	Total	6	100,0
Missing	7	3	
Total		9	

2.4: Com que frequência levou seus alunos a museus ou instituições culturais afins nos últimos 12 meses?

		Frequência	Percentual
	Nenhuma vez	3	50,0
	Duas vezes	2	33,3
	Três vezes ou mais	1	16,7
	Total	6	100,0
Missing	7	3	
Total		9	

2.5: Para levar seus alunos a museus ou instituições culturais afins, você encontra dificuldades em:

	Sim	Não	Total
1. Entrar em contato com a instituição escolhida para ser visitada	1	4	5
2. Marcar a visita com a instituição escolhida no período desejado	2	3	5
3. Resolver o problema do transporte no caso de a escola não ter ônibus próprio	6	-	6
4. Conseguir motivar os alunos para visitar esse tipo de instituição	1	4	5
5. Conseguir autorização dos pais dos alunos para sair da escola	-	5	5
6. Conseguir recursos com os pais e/ou a escola para despesas relacionadas à visita	6	-	6

7. Conseguir liberação das aulas com os outros professores	1	4	5
8. Controlar os alunos durante a saída da escola	-	5	5
9. Superar a preocupação relativa à violência urbana	1	4	5

2.6: Abaixo estão listadas várias possíveis razões para que uma turma de estudantes venha visitar o Museu Nacional

	Não Importante	Pouco Importante	Não sei	Importante	Muito Importante	Total
1. Exemplificar temas já abordados em sala de aula	1	-	-	5	3	9
2. Ampliar a cultura dos estudantes	1	-	-	2	6	9
3. Motivar temas a serem abordados em sala de aula	1	-	-	5	3	9
4. Mudar a rotina escolar	1	-	-	4	4	9
5. Ver coisas novas e diferentes	1	-	-	2	6	9
6. Compensar a falta de laboratórios na escola	1	-	2	4	2	9
7. Promover o conhecimento científico no contexto social	1	-	-	1	7	9
8. Interagir com o conhecimento tratado de forma integrada	1	-	-	3	5	9
9. Criar hábitos de visita a espaços não formais de educação	1	-	-	3	5	9
10. Reforçar as relações entre os estudantes e o professor	1	-	-	4	4	9

Obs. A professora Maria de Fátima Veiga Bizzo considerou “Não importante” todas as razões listadas.

2.7: Que recursos você pretende usar na preparação da visita ao Museu Nacional com seus alunos?

	Sim	Não	Total
1) Não pretendo usar nenhum recurso	-	9	9
2) O curso de capacitação	7	2	9
3) Informações disponíveis na internet	6	3	9
4) Folhetos e/ou outros tipos de material oferecidos pelo Museu	5	4	9
5) Informações passadas por colegas que já visitaram o Museu	1	8	9

2.8: Pretende contar com o apoio dos monitores do MN para mediar a visita dos seus alunos?

	Frequência	Percentual
Sim	6	66,7
Não	3	33,3
Total	9	100,0

2.9: Em sua opinião, numa visita com seus alunos ao MN de uma hora de duração é possível:

	Frequência	Percentual
É insuficiente para qualquer atividade planejada	1	11,1
Percorrer somente a seção tema associado ao conteúdo programático	3	33,3
Percorrer todas as seções temas associados à disciplina que ministra	3	33,3
Percorrer toda a exposição permanente, detalhando os temas das seções	2	22,2
Total	9	100,0

3.0: A que seções da exposição permanente do Museu Nacional você pretende levar seus alunos

	Sim	Não	Total
1) A todas as seções da exposição permanente	2	7	9
2) À seção de "Zoologia" (animais da fauna brasileira)	2	7	9
3) À seção de "Arqueologia" (Egito antigo, Mediterrânea, Coleção Tereza Cristina, pré-colombiana e brasileira)	3	6	9
4) À seção de "Etnologia" (Brasil Indígena e outras culturas)	5	4	9
5) À seção de "Geologia" (minerais brasileiros, inclusive os meteoritos que caíram no país)	2	7	9
6) À seção de "Paleontologia" (dinossauros e outros animais pré-históricos)	1	8	9
7) À seção de "Antropologia Biológica" (o homem pré-histórico brasileiro, inclusive o crânio e o rosto reconstituído de Luíza, achado em Lagoa Santa, Minas Gerais)	4	5	9

3.1: Que tipo de informação você acha que o Museu Nacional deve dar ao professor antes da visita escolar?

	Sim	Não	Total
1) A história da instituição	5	4	9
2) As Coleções/Acervo da instituição	6	3	9
3) As peças mais importantes de cada coleção	4	5	9
4) As peças mais curiosas da coleção (por exemplo: Meteorito de Bedengó, reconstituição de Luíza, a mulher pré-histórica, a múmia, as salas das princesas, etc.)	6	3	9
5) Os trabalhos científicos desenvolvidos na instituição	-	9	9
6) Sugestões para as atividades prévias à visita	8	1	9
7) Sugestões para as atividades posteriores à visita	5	4	9

3.2: Em sua opinião, qual é o tamanho ideal de um Guia de Informações para a visita escolar

	Frequência	Percentual
Uma folha	1	11,1
Até 4 páginas	4	44,4
De 5 a 8 páginas	1	11,1
De 9 a 12 páginas	1	11,1
Mais de 12 páginas	2	22,2
Total	9	100,0

Anexo 3

ROTEIRO DE ENTREVISTAS PARA PROFESSORES

Estas são as questões a serem abordadas. Outras poderão surgir na conversa prevista para durar, em média, 30 com cada entrevistado.

- 1) Por que o professor programa a visita ao Museu Nacional/UFRJ entre tantos que existe no Rio de Janeiro?
- 2) Qual o conhecimento que o professor tem do Museu (do acervo, da história da instituição e do palácio onde ele funciona, das pesquisas que são desenvolvidas ali)? (pedir para detalhar).
- 3) Os hábitos de visitação a museus que o professor tem e como ele se informa sobre estas instituições antes de visitá-las. Por que escolhe estes meios de informação?
- 4) Que informações sobre o Museu Nacional/UFRJ o professor valoriza ao planejar a visita e por que estas informações são mais importantes que as outras?
- 5) Saber se o professor costuma buscar informações prévias para as visitas e passeios que faz com seus alunos. Se não, porque não busca. Se sim, como busca e como usa estas informações.
- 6) Detalhar que áreas do museu são mais interessantes para a disciplina que leciona e que outros tipos de atividade ela pretende desenvolver antes e depois da visita;
- 7) Como o professor pretende usar (ou como usaria) um Guia de Visitação Escolar.

Anexo 4

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA O SAE

Esta entrevista será feita com a coordenadora do SAE e com os funcionários indicados por ela. A duração não deverá ultrapassar 40 minutos, mas, se necessário, haverá mais de uma entrevista.

- 1) Quantos e quais são os funcionários desta seção; há quanto tempo trabalham nesta área; quais são suas tarefas; vínculo com instituição (celetista, funcionário público, estagiário etc.); e facilidades e dificuldades para realizar o trabalho. Ver também a questão dos monitores (alunos do Colégio Pedro II).
- 2) Como ocorrem as visitas, desde o agendamento até o relacionamento posterior da escola e/ou do professor com a instituição.
- 3) Como e se há a capacitação dos professores para a visitação escolar. Qual vínculo eles mantêm com a instituição após esta capacitação.

- 4) A estatística da visitação (quantos colégios, alunos, professores, época de maior e menor visitação, etc.).
- 5) Que seções e que itens de cada seção o SAE considera importante ser visto pelos professores.
- 6) Que informações, além da exposição permanente, o SAE considera importante passar ao professor antes da visita (acervo, história, forma de organizar a visita, etc.).

Anexo 5

ROTEIRO DE AVALIAÇÃO

Curso de especialização em divulgação da ciência, da tecnologia e da saúde – 2010

Aluna: Beatriz Coelho Silva

Orientadora: Sibeles Cazelli

Museu da Vida/COC/Fundação Oswaldo Cruz

Questionário de Avaliação Guia de Visitação Escolar ao Museu Nacional/UFRJ Iniciação à ciência em 60 minutos

Prezado professor,

Obrigada por sua colaboração neste trabalho. Sua identidade será mantida em sigilo, assim como sua participação é espontânea e não traz responsabilidades futuras sobre o resultado deste trabalho, embora seja preciosa realizá-lo.

Por favor, veja o guia no tempo que achar necessário e responda as questões abaixo. Se possível, atenha-se ao espaço da resposta.

Tempo: _____

Você teve dificuldade para acessar e navegar no guia? Se teve, quais foram?

O formato do Guia facilita seu manuseio e dá possibilidade de levá-lo à sala de aula e à atividade de visitação? Caso contrário, qual seria o melhor formato?

O número de páginas é suficiente para conter as informações que você necessita para programar a visita escolar?

A distribuição dos textos e imagens facilita o entendimento das informações do Guia? Caso contrário, como elas deveriam vir dispostas?

Os temas abordados são suficientes para programar a visita de 60 minutos? Caso contrário, que temas deveriam ser incluídos?

As recomendações sobre como organizar a visita são claras e suficientes? Que outras recomendações deveriam constar?

As sugestões para atividades anteriores e posteriores à visita são claras e suficientes? Que outras sugestões deveriam constar?

Na sua opinião, a leitura deste guia incentiva a visita ao Museu Nacional, seja como atividade escolar ou atividade de lazer?

Nome: _____

Telefone: _____